

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

LEONÇO AGUIAR DIAS JUNIOR

**FUTEBOL E POLÍTICA EM 1970
UMA ANÁLISE DO DILEMA EDITORIAL DO JORNAL O PASQUIM NO
TRICAMPEONATO DO MÉXICO**

**PORTO ALEGRE
2010**

LEONÇO AGUIAR DIAS JUNIOR

**FUTEBOL E POLÍTICA EM 1970
UMA ANÁLISE DO DILEMA EDITORIAL DO JORNAL O PASQUIM NO
TRICAMPEONATO DO MÉXICO**

**Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau no curso de Licenciatura
em História na Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.**

ORIENTADOR: PROFESSOR ADOLAR KOCH

**PORTO ALEGRE
2010**

LEONÇO AGUIAR DIAS JUNIOR

**FUTEBOL E POLÍTICA EM 1970
UMA ANÁLISE DO DILEMA EDITORIAL DO JORNAL O PASQUIM NO
TRICAMPEONATO DO MÉXICO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela banca examinadora para obtenção do
grau no curso de Licenciatura em História na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 09 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Adolar Koch – UFRGS – Orientador

Prof^a Dra. Carla Simone Rodeghero - UFRGS

Prof^o Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli - UFRGS

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe-se analisar a linha editorial do jornal O Pasquim antes, durante e após a Copa do Mundo de Futebol de 1970, realizada no México, levando em consideração a situação política no Brasil, após a instalação do Ato Institucional número 5 pelo regime militar. Por meio da pesquisa na fonte, pretende-se contextualizar os acontecimentos perante o discurso editorial do semanário. A partir dessa abordagem, colaborar para a compreensão do cenário político, social e esportivo brasileiro.

Palavras-chave:

Imprensa Alternativa – Ditadura Militar no Brasil – Copa do Mundo de Futebol

“Dizer que nos darão liberdade é besteira. Podem nô-la tirar. Mas não podem nô-la dar.”

(Jânio Millôr)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
 CAPÍTULO 1 – A DITADURA E O PASQUIM	
1.1 – A CENSURA	11
1.2 – O NASCIMENTO DO PASQUIM E A CENSURA	16
 CAPÍTULO 2 – FUTEBOL X POLÍTICA	
2.1 - FUTEBOL COMO AFIRMAÇÃO POLÍTICA	23
2.2 – FUTEBOL E NACIONALISMO NO BRASIL	26
 CAPÍTULO 3 – O PASQUIM E O MUNDIAL DE 1970	
3.1 – O PASQUIM ANTES DA COPA DO MUNDO DE 1970	29
3.2 – O PASQUIM DURANTE E APÓS A COPA DO MUNDO DE 1970 ...	36
 CONCLUSÃO	48
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
 JORNAIS, PUBLICAÇÕES E FONTES ELETRÔNICAS	53
 ANEXOS	54

INTRODUÇÃO

A intervenção militar na política brasileira iniciada com o golpe de 1964 era anunciada como passageira e saneadora. O novo governo era formado a partir de alianças entre os representantes da UDN e do PSD¹, das principais lideranças militares e de diversos setores do empresariado nacional, porém a hegemonia política seria exercida pelas forças armadas, com poderes para suspender direitos políticos, cassar mandatos e exonerar funcionários públicos.

A seleção brasileira de futebol de 1970 foi considerada por muitos a maior de todos os tempos. Ao arrematar em apoteose a taça, tomou para si o estigma de um feito heróico, num espetáculo transmitido pela primeira vez para o povo brasileiro através da televisão. Com forte cobertura na mídia de então, a vitória da seleção brasileira em 1970 foi usada como instrumento de propaganda do regime militar. Nunca o futebol seria tão bem explorado como propaganda de um governo no Brasil como o foi em 1970.

O sucesso da seleção brasileira de futebol na copa de 1970 foi o sucesso da ditadura militar no Brasil neste ano, que se utilizou do imaginário popular para aprofundar o regime e calar violentamente as oposições, afinal era a pátria de chuteiras que havia conquistado definitivamente a maior de todas as vitórias, a copa do mundo de 1970.

A violência do regime militar no entanto, não foi suficiente para calar todas as vozes, como exemplo e objeto desta pesquisa, temos o jornal semanário O Pasquim, lançado em junho de 1969² no Rio de Janeiro, tentou fazer frente de oposição aos militares, marcou posição a partir de então e serviu como referência das oposições durante o regime de exceção.

Entendemos que é importante retornar a este tema, ditadura militar no Brasil, pois nunca é demais tentarmos verificar todas as nuances que envolveram esta “aventura” que o povo brasileiro foi submetido e tendo em vista a possibilidade de trazer à tona a utilização política e econômica do espetáculo que é uma Copa do Mundo de Futebol.

¹ União Democrática Nacional, após o golpe, grande parte de sua bancada migrou para a ARENA, enquanto que o Partido Social Democrático dividiu-se entre MDB e ARENA.

² O Pasquim número 1 de 26 de junho de 1969 tinha como subtítulo: Aos amigos, tudo; aos inimigos, justiça.

Pretendemos utilizar como fonte primária, portanto principal de pesquisa, o jornal O Pasquim, surgido em 1969 tornou-se um ícone da chamada imprensa alternativa e um instrumento de contestação à ditadura, utilizando muito humor como arma, inaugurou uma forma irreverente de abordagens de praticamente todos os temas e possuía uma equipe de fazer inveja, dentre os fundadores estão: Tarso de Castro, Sérgio Cabral e Jaguar, outros nomes conhecidos do humorismo e do jornalismo brasileiro também participaram ativamente como Ziraldo, Millôr Fernandes, Carlos Prospero, Claudius, Carlos Magaldi, Murilo Reis, Henfil, Ivan Lessa, Ferreira Gullar, Flávio Rangel, Pedro Ferreti, Caetano Veloso, Chico Buarque e muitos outros, os principais alvos eram a censura, a política e a ditadura.

O grande desafio neste trabalho será tentar verificar, debater e delimitar os temas ditadura militar no Brasil desde a edição do Ato Institucional nº 5 em 13 de dezembro de 1968 e seleção brasileira de futebol na Copa do mundo de 1970 sob a ótica das matérias publicadas no semanário “O Pasquim” desde sua primeira edição até final do ano de 1970.

O objetivo final será o de verificarmos qual seria o posicionamento “editorial” do jornal relacionados à utilização política da conquista do tricampeonato mundial pelo regime militar.

Como método, pretendemos fazer uma análise a partir de um recorte histórico das circunstâncias em que ocorreram os fatos, delimitadas temporal e historicamente, tendo como conteúdo as fontes (charges ou textos) em complemento ao texto, tentando interagir as duas formas da melhor forma possível, bem como inseri-los no contexto da historiografia abordada. E relacionado às fontes, escolher arbitrariamente aquelas charges ou textos que, ao nosso ver, pareceram mais significativas para este propósito, e com isso, trabalhar enquanto instrumento capaz de proporcionar reflexões que ajudem a chegar no nosso objetivo.

A utilização da iconografia aliada a textos será outro desafio, por outro lado será a oportunidade de aprofundarmos esta metodologia de abordagem e desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso, ademais, conforme Ananda Simões Fernandes quando defende a utilização de outras ferramentas, além do texto: “*Nem tanto ao céu (iconografia), nem tanto ao inferno (texto), segundo a ótica de que texto é obrigação, charge é diversão.*”

*Essa não é a nossa ótica! A nossa visão é de que tanto o texto quanto a charge são, simultaneamente, obrigação e diversão”.*³

Outro problema a ser enfrentado nesta empreitada serão as armadilhas de trabalhar com a imprensa escrita, neste sentido pretendemos utilizar também como fonte de aprendizado e consulta à obra de Gerson Wasen Fraga⁴ que nos orienta, em cinco regras de ouro a desconfiar do texto impresso, tendo em vista que este documento, como qualquer outro, é criação de alguém:

Em primeiro lugar, lembremos que a utilização da imprensa como fonte histórica demanda, como no caso de qualquer outra fonte, uma série de cuidados específicos. Inicialmente, devemos evitar o senso comum que atribui à palavra escrita o status de verdade incontestável. O texto jornalístico, assim como qualquer outro documento, é, naturalmente, uma criação, por alguém produzido e refletindo não uma verdade, um acontecimento em si, mas antes uma opinião, uma perspectiva pessoal sobre determinado acontecimento[...] (2009, p. 35)

Outra característica a ser observada é a dimensão doutrinária e pedagógica da fonte conforme nos orienta Gerson:

Aqui reside mais uma característica – a quarta – de nossa fonte para a qual devemos estar atentos: seus textos não apresentam apenas uma dimensão ideológica, criando sentidos e sensações sobre o real, mas, ao mesmo tempo, apresentam uma dimensão “pedagógica”, doutrinando a partir de seu discurso sobre o que é socialmente correto e aceitável. (2009, p.39)

Gerson profetiza que estas talvez sejam as maiores dificuldades postas à frente daqueles que se dedicam a trabalhar a imprensa como fonte histórica: a questão da repercussão que os jornais ou suas notícias porventura alcançaram na época em que originalmente foram publicados.

Por último e não menos importante:

³ FERNANDES, Ananda Simões e Charles Sidarta Machado Domingos. Entre Lágrimas e Risadas: O Ensino do Período Médici Através das Charges D’O Pasquim, publicado em Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, p. 263-276, jul./dez. 2007

⁴ FRAGA, Gerson Wasen. A “derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009

Em quinto lugar, lembremos que ao utilizar os jornais e revistas como documentos históricos, estamos nos colocando no papel de leitores anacrônicos da informação selecionada e produzida. Aquilo que lemos, obviamente, não faz parte de nosso tempo – descontando-se o novo caráter por nós atribuído de fonte histórica. Da mesma forma, devemos estar cientes que o autor do texto não nos tinha em mente quando da produção original do mesmo. (2009, p. 40)

Também, é claro, que além do acesso às fontes bibliográficas, também se faz necessário à busca a obras de cunho teórico, que nos possibilitem estabelecer a crítica necessária a respeito das fontes jornalísticas na História.

O contexto da criação do Pasquim caracteriza-se pela eliminação das oposições ao regime ditatorial, já havia sido decretada a Lei da Imprensa e o AI-5 em 1968 (que veremos com mais detalhes adiante), o qual instala definitivamente o cerceamento das liberdades civis, o controle das informações e a repressão física. Num primeiro momento, o que chama atenção é que O Pasquim cresce não se submetendo à censura, sempre informando os acontecimentos nacionais e internacionais, na maioria das vezes em forma de crônicas, ensaios, charges e utilizando-se principalmente da ironia à censura, aos militares e aos setores da sociedade que apoiavam a ditadura.

Portanto, e conforme o acima exposto, vimos a justificar este trabalho primeiramente pela questão da ditadura militar brasileira (suas mazelas e escaninhos que tanto mal fez ao Brasil) ser tema recorrente; pois como diz o ditado “necessitamos aprender com os erros para que não mais se repitam”. A imprensa como fonte de pesquisa principalmente, pois sem dúvida é uma fonte histórica e formadora de opiniões, sendo, neste projeto um legítimo baluarte da independência e resistência contra a opressão instalada em nosso país recentemente. Por último justificar o futebol como fonte, pois trata-se de uma atividade esportiva de massa com grande repercussão em nossa sociedade e já incorporada ao cotidiano de todos, portanto foi e pode sempre vir a ser utilizado de diversas formas como já foi amplamente comprovado.

CAPÍTULO 1 – A DITADURA E O PASQUIM

1.1 – A CENSURA

O regime autoritário que se instala no Brasil em 1964 a partir de um golpe militar caracteriza-se por uma forte centralização política nas mãos dos militares que, para efetivá-la, fazem uso de medidas repressivas, porém nos primeiros momentos após o golpe não havia clareza exata sobre as medidas que seriam tomadas, os aparelhos coercitivos do estado já existiam antes de 64, os militares apenas ampliaram o uso desses aparelhos na tentativa de minimizar e eliminar as oposições reais, lembrando que a ditadura militar teve forte apoio em alguns setores sociais, como a classe média conservadora, com medo do chamado “inimigo interno”, ou seja o comunismo internacional. Uma singularidade do regime ditatorial no Brasil, diferentemente dos outros países da América Latina, é que os militares inicialmente mantêm os poderes parlamentares, embora diminua-os de forma gradativa, mantêm as eleições municipais (menos nas capitais e locais estratégicos), mudam os presidentes, embora não sejam eleitos de forma democrática, ou seja, algumas estruturas aparentemente continuam, mesmo que somente para minimizar o regime de força e maximizar o objetivo propalado do golpe, entre eles a manutenção da “moral e dos bons costumes” com a construção da paz social e fim do caos social, sobre esta particularidade, Francis opina:

Por certo, não morreram no regime militar brasileiro milhares como na Argentina e no Chile. A formação do nosso militar é mais libertária e menos violenta do a que do seu equivalente chileno ou argentino. Afinal, o governo autoritário no Brasil foi exercido em rodízio. Onde é que já se viu isso? Ditador é um só. Era uma farsa, claro, mas se mantinha o ritual democrático em sua aparência. (1996, p. 76)

Em 1967 o regime endurece com a chegada ao poder o general Artur da Costa e Silva, já vigorava a lei de segurança nacional que visava coibir greves, manifestações, pronunciamentos e articulações políticas contra o regime militar, contra isso eclodiam imensa onda de protestos em todo o país, aumentando o clima de radicalização política que culminaria com o Ato Institucional número 5, que fechou o congresso nacional, suspendeu todos os direitos civis e constitucionais e estabeleceu a censura. A partir de então as

discordâncias oposicionistas eram tidas como crimes contra o estado, eliminada a possibilidade de oposição legal, começava a ganhar corpo a opção da resistência armada, que teve como resposta a organização de forte aparato repressivo do governo ditatorial. Neste sentido e segundo Ananda Simões Fernandes em “A reação das imprensa alternativa brasileira à censura durante os anos de chumbo (1969-1974): o caso do semanário *O Pasquim*” :

Com o AI-5, os militares dispuseram de instrumentos legais para eliminar dos aparelhos ideológicos de Estado todos aqueles que pudessem ser contra o regime, sendo que qualquer canal que pudesse denunciar o terrorismo estatal estava controlado pelo próprio estado. (2004, p. 198)

Até 1968, a censura existe como uma medida possível, baseada em Atos Institucionais anteriormente editados, mas todos com aplicação geral, ou seja, com o AI-5 o regime colocou a disposição medidas específicas de censura à imprensa, como parte de uma medida repressiva antes não vista.

O AI-5 alterava a Constituição de 24 de janeiro de 1967, dava poderes extraordinários ao presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais. Pelo seu artigo 2º o presidente da república poderia decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, que só poderiam voltar a funcionar quando o presidente os convocasse, na prática, portanto, o executivo cumpriria o poder do legislativo e inclusive do judiciário, pois os atos praticados de acordo com o AI-5 não necessitavam apreciação judicial. No seu artigo 3º o Presidente da República poderia decretar a intervenção nos estados e municípios sem as limitações previstas na Constituição. Em seu artigo 4º, o Presidente da República poderia suspender os direitos políticos de qualquer cidadão por 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais ou municipais, tudo sem as limitações previstas na Constituição. Pelo seu artigo 5º, a suspensão dos direitos políticos significava:

- I – Cessação do privilégio de foro por prerrogativa de função;
- II – Suspensão do direito de votar e ser votado nas eleições sindicais;
- III – Proibição de atividades ou manifestação sobre assuntos de natureza política;

IV – Aplicação, pelo Ministério da Justiça, independente da manifestação do Poder Judiciário, das seguintes medidas:

- a) Liberdade vigiada;
- b) Proibição de freqüentar determinados lugares;
- c) Domicílio determinado.

A institucionalização da censura prévia se dá com a edição do Decreto-Lei 1077, de janeiro de 1970, o qual coloca nas mãos do Ministro da Justiça a verificação e o julgamento dos livros e periódicos através de um artigo da Constituição que reza: “Não serão toleradas publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes, quaisquer que sejam os meios de comunicação”, portanto o regime não assume a utilização da força como legitimação do poder, pois justifica a censura em função da moral e dos bons costumes. Está justificada a repressão e a censura em torno do “perigo comunista”, toda a manifestação da oposição ao regime é encarada como ação comunista com o objetivo de destruir os valores da família brasileira, a subversão e o terrorismo devem ser combatidos e passam a ser um problema que diz respeito à Segurança Nacional.

A censura prévia consistia na permanência de um censor no local de produção do jornal, que acompanha, lê e corta os textos, frases, cartuns, charges e qualquer coisa que considerasse afrontosa ao bom moral e aos bons costumes ou então de caráter subversivo. Este tipo de censura fez parte da redação do jornal O Pasquim, o primeiro censor era uma senhora chamada D. Marina, sobre o “modus operandi”, Sérgio Augusto, um dos organizadores da Antologia do Pasquim Volume I, nos esclarece:

Algumas edições [...] foram inopinadamente recolhidas nas bancas por ordem de alguma “autoridade” que não se dera por satisfeita com os cortes executados por D. Marina, nosso primeiro Catão de saias. Primeiro e último. Depois dela, só deu gorila, com e sem pijama.

D. Marina trabalhava dentro da redação, modus operandi promíscuo e contra-producente para qualquer censor razoavelmente civilizado. Cordial, D. Marina acabou ficando amiga da patota do jornal e, como era chegada a uma birita, entre um gole e outro, aprovava muita coisa que não devia. (2006, p. 12)

Outra forma de censura é a chamada autocensura, que também foi gradativamente aplicada pelos grandes jornais, deveu-se principalmente ao fator econômico, tendo em vista as despesas e prejuízos impostos aos jornais pela censura prévia, portanto era preferível,

comercialmente, adotar uma postura de autocensurar as matérias a serem editadas. O medo da repressão, do fechamento do jornal, das prisões e torturas é uma constante para quem trabalhava em veículos de comunicação. A autocensura foi uma forma de cerceamento da informação de interesse público praticada por parte da instituição que deveria transmiti-la, este cerceamento não é exercido por forças estranhas e externas ao espaço jornalístico. De acordo com Ananda Fernandes:

“No início da censura prévia, as redações eram visitadas todos os dias por oficiais do exército; depois, os temas começaram a ser censurados por telefone. Isto se deu porque houve uma rápida assimilação por parte da grande imprensa à censura, ou por concordância política ou para garantir a sobrevivência do jornal. Dessa forma, a grande imprensa instituiu a autocensura”. (2004, p. 199)

A partir do AI5, a grande imprensa nacional que já possuía uma predisposição a aliar-se aos poderes nas décadas de 1960 e 1970, passou a adotar o projeto dos militares como seu projeto, neste sentido, tornou-se importante o surgimento de um espaço para aglutinar as diversas tendências oposicionistas ao regime, nesta época circulavam vários periódicos, tendo todos eles em comum a oposição à ditadura, eram os chamados jornais alternativos. A imprensa alternativa surgiu da articulação destas forças no momento em que jornalistas e intelectuais buscavam espaços alternativos à grande imprensa e à universidade, à medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos, instituía-se novas modalidades de jornais alternativos, dentre os jornais e periódicos surgidos à época, o que de maior repercussão e tiragem foi o hebdomadário “O Pasquim”.

É importante mencionar que havia duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente, políticos como o Opinião e o Movimento, tinham raízes nos ideais de valorização do ideário nacional-popular dos anos 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis dos anos 1960. Em geral, os jornais alternativos políticos caracterizavam-se por um perfil pedagógico e, num certo sentido, dogmático. Foram os únicos, em toda imprensa brasileira, que denunciaram os problemas do crescente endividamento externo do Brasil, ainda em 1973, e o agravamento das tensões sociais. Além, disto, discutiram os temas clássicos das esquerdas, sobretudo, o dos caminhos da revolução brasileira.

O semanário “O Pasquim” também não poderia fugir a regra, seja pela perseguição política de seus redatores, seja pela perda de patrocínio, através da censura prévia. O regime militar foi submetendo aos poucos a imprensa alternativa a uma verdadeira asfixia, pois, no momento em que se restringem as matérias publicadas, descaracterizando as publicações, o público começa a se desinteressar. Por trás da represália política, há o boicote financeiro, numa tentativa de enfraquecimento econômico.

Em matéria publicada na Revista de Departamento de História e Geografia por Ananda Fernandes comenta o fato de O Pasquim também se autocensurar.

“Millôr Fernandes foi um dos principais integrantes d’O Pasquim que ironizava constantemente a censura imposta às redações, assim como a autocensura da grande imprensa. Na charge abaixo, percebe-se como o desenhista ‘autocensura-se’ e não se atreve a falar contra o governo militar .”⁵



O Pasquim, n. 43, 12 a 18 de fevereiro de 1970, p. 33.

No entanto, relacionado a dicotomia estado opressor x liberdade de imprensa verificamos que em estudos recentes a historiografia acadêmica não permite que sigamos uma linha de resistência monolítica da sociedade contra a censura do regime militar.

Constatação análoga a essa foi o que levou alguns historiadores e cientistas sociais a redimensionar, nesses últimos anos, a memória construída sobre a censura à imprensa durante o regime militar brasileiro, como Aquino, a qual enfatiza sempre a imagem de “imprensa vítima do algóz censório que atuava indivisa na batalha pela restauração da plena liberdade de expressão” (2002, p. 515)

⁵ Ágora, Revista Eletrônica do Departamento de História e Geografia da Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, p. 263-276, jul./dez. 2007

Maurício Maia Souza promoveu outro estudo tentando a desconspiração dessa imagem da resistência incondicional à censura militar, ao colocar em evidência que,

o controle exercido contra o chargista Henfil era, no mais das vezes, constituído de muitos “vetos decididos sem a participação de censores oficiais”, sendo que o jornalista pôde publicar no Pasquim, jornal sob censura prévia dos militares, muitos desenhos que não conseguira divulgar nas páginas do Jornal do Brasil, o que nos leva a crer que “coube ao JB exercer um controle interno muito mais rigoroso do que a censura governamental.” (2002, p. 201)

Em direção análoga, outros estudos também têm buscado desviar o foco da questão da resistência, privilegiando assim aspectos de cumplicidade e colaboração. Beatriz Kushnir, por exemplo, debruçou-se sobre a atuação da Folha da Tarde de São Paulo, que travou “relações de cooperação, [...] de colaboracionismo”, com o regime militar na medida em que se propôs a “reproduzir informes do governo como se fossem matérias feitas pelo próprio jornal”. Para a autora, “este modo de agir não é exclusivo do jornal selecionado”. (2004, ps. 81-87).

1.2 - O NASCIMENTO DO PASQUIM E A CENSURA

O bem humorado jornal nasceu com a morte de um grande nome da imprensa brasileira: Stanislaw Ponte Preta, que na época editava um jornal chamado Carapuça, com sua morte ficou inviável manter o tablóide. A distribuidora do jornal convocou Tarso de Castro para solucionar o problema e a conclusão a que se chegou foi lançar uma nova publicação. Juntaram-se então os cinco amigos para criar o novo veículo: Tarso, Sérgio Cabral, Jaguar, Carlos Prósperi e Claudius, além claro, de Dona Nelma, a secretária e musa inspiradora.

Em 2006 foi lançada a antologia do Pasquim organizado e apresentado por Jaguar e Sérgio Augusto sendo que o volume 1 abrange o período de 1969 a 1971, Jaguar assina o Artigo “Toda a Verdade (vá lá, meia) sobre o começo do Pasquim”:

Prestem atenção pesquisadores, historiadores, editores, professores e estudantes de comunicação [...]esta é a última vez que falo nisso.

A (meia) verdade do título é uma medida cautelar. Todas as vezes que tento lembrar as origens do hebdô, aparece uma porção de gente para me desmentir. Na verdade, só Sérgio Cabral e Claudius podem dizer que não foi bem assim, muito pelo contrário. Os outros fundadores, Tarso de Castro e Prósperi

não estão mais aqui.

[...]O embrião do Pasquim foi gerado em setembro de 1968, no dia em que morreu Sérgio Porto, sobejamente conhecido como Stanislaw Ponte Preta. Ele era responsável pelo Carapuça, tablóide semanal de humor. Na verdade, o jornaleco poderia continuar indo para as bancas. O autor dos textos, de cabo a rabo, era Alberto Eça, que conseguia fazer uma imitação razoável do jeito de escrever do fero cronista. O pessoal do ramo sabia que o estilo do Stan era inimitável, mas dava para engambelar a plebe ignara. [...]Murilo Pereira Reis, da Distribuidora Imprensa, que editava o Carapuça, chamou Tarso de Castro, que na época fazia um baita sucesso com sua coluna na Última Hora. Tarso encontrou-se comigo no Jangadeiros e quis saber minha opinião. “Melhor fechar e abrir outro jornal”, sugeri. Sérgio Cabral já tinha dito o mesmo. A editora topou. Tarso convidou Sérgio Cabral, e eu escalei Claudius e Carlos Prósperi para fazer o projeto gráfico. (2007, p. 7)

Para circular, o novo jornal precisava de um nome. E já sabendo que o material publicado não seria lá muito sério, Jaguar sugeriu O Pasquim, como vemos a seguir, nas palavras do próprio:

A coisa quase desandou porque o nome do jornal não saía. [...] Aí lembrei-me do Tribuna da Imprensa, que tinha tiragem bem menor que os jornalões. Por isso era chamado de lanterninha da imprensa. Deu a volta por cima adotando a lanterna como símbolo.

“Que tal Pasquim?”, propus. “Vão nos chamar de pasquim (jornal difamador, folheto injurioso), terão de inventar outro nome para nos xingar.” A sugestão não suscitou muito entusiasmo, mas como ninguém agüentava mais tanta reunião, acabou sendo aprovada. (2006, p. 7)

A primeira capa já tinha dono: seria com o colunista social Ibrahim Sued a entrevista. E já no número de lançamento, um furo: o próximo general a governar o País, depois de Costa e Silva, seria Emílio Garrastazu Médici. A primeira edição contou ainda com textos da atriz Odete Lara, que se encontrava no festival de Cannes, e do cantor e compositor Chico Buarque, direto de Roma. A irreverência do tablóide já se revelava na legenda de capa: um semanário executado só por jornalistas que se consideram geniais.



Capa do primeiro exemplar do Pasquim – 26 de junho de 1969

Jaguar explica a escolha da capa da primeira edição:

*Por exemplo, a capa do primeiro número (dedicado à memória de Sérgio Porto) com a foto fora de foco do Ibrahim – Millôr comenta – foi feita quase na hora de rodar a edição na gráfica, de saudosa memória, do Correio da Manhã. Havia um requintado projeto gráfico do Carlos Prósperi, fino artista gráfico (do layout sobrou o tipo de letra do título). Mas na hora H tacamos a foto do turco e no resto do espaço enchi com o Sig⁶ anunciando os nomes dos colaboradores: Millôr, Serjão Cabral, Fortuna, Zivaldo, Marta Alencar, Sérgio Noronha, Maciel, eu e Don Martin (chupado da Mad). E mais: um cartum meu (primeiro e único na história do jornaleco), um artigo de Chico Buarque (Porque Sou Tricolor) e a matéria da nossa correspondente no Festival de Cannes, a estonteante Odete Lara. Foi quando Sig se tomou de paixão por ela, sem nunca terem chegado, que eu saiba, à conjunção carnal. [...]*⁷

Mesmo com receio, justificado pelo fracasso do periódico de Millôr Fernandes, o Pif Paf, que só teve oito edições e foi inviabilizado pela censura, 14 mil exemplares foram rodados para o primeiro número. A edição se esgotou em dois dias e mais 14 mil foram tirados. O sucesso de vendas foi inegável. No número dezesseis, a tiragem chegava a 80 mil exemplares. Dez semanas depois, a marca de 200 mil foi alcançada. Nas palavras de Jaguar:

[...]Fui voto vencido na reunião para decidir a tiragem do número, que foi impresso na gráfica do Correio da Manhã [...]achava que 5 mil era mais

⁶ Sig é um ratinho estilizado criado por Jaguar, pode-se dizer que é o apresentador do jornal.

⁷ <http://www.colecaoopasquim.com.br/edcome.asp>

do que suficiente. Resolveram lançar 14 mil. A edição esgotou em dois dias. Rodaram mais 14 mil exemplares. (JAGUAR: 2006, p. 7)

O formato do semanário teve escolha fundamentada em argumento curioso. Numa pesquisa com colegas jornalistas, a equipe ouviu que os brasileiros não gostavam do tablóide, então ficou tablóide. No dia 26 de junho de 1969, ia para as bancas o mais subversivo dos jornais.

Segundo Sérgio Augusto, um dos organizadores da antologia, o sucesso era tamanho que se os redatores quisessem, o jornal poderia ser publicado totalmente em latim e venderia do mesmo jeito. Mesmo com perfil jovem e vendagem garantida, em tempos de regime militar o tablóide encontrava problemas para atrair anunciantes, as charges ou desenhos dos comerciais nas páginas do Pasquim eram feitas pelos próprios integrantes do semanário. Algumas empresas foram pressionadas pelo governo por atrelar sua marca a um jornal que reunia pessoas tidas como comunistas, pervertidas, difusoras de idéias subversivas, desencaminhadoras da juventude brasileira. Além dos generais, o Pasquim tinha opositores na própria classe. Nomes de peso da imprensa repudiavam a publicação do panfleto, como Gustavo Corção, colunista do jornal O Globo, David Nasser, então editor da revista O Cruzeiro, o escritor Nelson Rodrigues e o intelectual Roberto Campos montaram firme oposição ao tablóide. Na capa do Pasquim nº 27, Millôr alfineta seus opositores: “O Dr. Roberto Campos é tão subserviente que só trata a General Motors de Marechal Motors.”

Aliás, em várias edições, os integrantes do jornal demonstraram sua inconformidade com as críticas, chegando inclusive, em alguns casos, ao nível pessoal, como Tarso de Castro na seção antidica, sobre a briga com Nelson Rodrigues tendo como título: De aluguel

Um cara que ainda fala com Néilson Rodrigues, explicando sua atitude: “Não adianta romper com êle. Seria o mesmo que brigar com um táxi porque o passageiro que está dentro dêle é um patife: Nelson está sempre alugado por alguém”.

Em outras palavras: tirando o caráter e a mente, Néilson é um bom sujeito. (Pasquim nº 51 de 11 a 17/06/1970, p. 35)

Ou então, no alvo preferido da “patota”⁸, escreveu Pedro Ferreti na seção as dicas, sob o título Ex-virgem:

O Sr. Roberto Campos, de volta da Holanda, disse que o povo holandês interessou-se tanto pela Copa do Mundo que até êle, Bob, foi contagiado e acompanhou BrasilxItália. Êsse fato merece registro, pois é a primeira vêz na história que Roberto Campos torce pelo Brasil. (Pasquim nº 55 de 9 a 15/07/1970, p. 29)

O mesmo Pedro Ferreti aponta críticas novamente à condução da economia brasileira, na mesma seção as dicas, sob o título Fala, gente:

Os Srs. Roberto Campos, Eugenio Gudín, Glycon de Paiva e outros fizeram a vida no Brasil, anunciando as vantagens da livre competição comercial e apresentaram os EUA como o paradigma da dita. Agora que o Congresso americano vai impôr leis de protecionismo que equivalem à declaração de uma verdadeira guerra comercial, silenciam. Mas podemos esperar por aqueles artigos de 30 laudas, com epígrafes de Êsquilo, Brecht, etc., que qualquer copy desk competente reduziria a três, em português legível, do sr. Roberto Campos explicando esta estranha manifestação americana de amor à livre concorrência. (Pasquim nº 59 de 6 a 12/08/1970, p. 28)

Logicamente que o regime militar não aceitava quieto todas as críticas. Uma bomba chegou a ser colocada dentro da redação do jornal e só não explodiu por defeito. Os censores impunham vários cortes na edição do semanário até que fosse liberado para publicação. Ainda assim, alguns números chegavam a ser recolhidos das bancas por algum militar insatisfeito. O caso da bomba foi descrito no próprio semanário em março de 1970 na edição n 39.

A redação, claro, deu seu jeito de burlar a censura. A primeira censora, chamada Dona Marina, por exemplo, acabou amiga de bebedeira dos jornalistas e foi demitida por deixar passar uma charge de Jaguar, na qual ao invés do grito de independência de Dom Pedro, estava a legenda: Eu quero mocotó!! Conforme relatado na Antologia do Pasquim.

⁸ Gíria para turma, eram chamados os integrantes do jornal.



O Pasquim n 72 de 04 a 10/11/1970

Abaixo como legenda está escrito: “Por causa da brincadeira que fizemos com a pintura famosa (e medíocre) de Pedro Américo, sobre o grito da independência, 11 da patota do Pasquim ficaram 2 meses atrás das grades” (Jaguar, 2006, p. 172). Durante o período da prisão uma metafórica gripe tomou conta do jornal. E assim os leitores souberam, de maneira cifrada, do ocorrido.

Na edição número 73 de 11 a 17 de novembro de 1970 o sub-título era “O jornal com algo menos” e a capa era o desenho de um lobo e de uma ovelha, o lobo falando pra ovelha: “Enfim um Pasquim inteiramente automático, sem o Ziraldo, sem o Jaguar, sem o Tarso, sem o Francis, sem o Millôr, sem o Flávio, sem o Sérgio, sem o Fortuna, sem o Garcez, sem a redação, sem a contabilidade, sem gerência e sem caixa.” Na semana seguinte, edição nº 74 de 18 a 24/11/70 o sub-título era: “Apesar dos pesares - Ainda com algo menos mas agora com muito mais.”, na edição seguinte nº 75 de 25/11 a 1/12/70 o jornal comemora seu segundo ano e o sub-título era: “Uma coisa é certa: lá dentro deve estar muito mais engraçado do que aqui fora.”, e quase todas as matérias tem o título e abaixo escrito: à maneira de Sergio Cabral, à maneira de Tarso de Castro, à maneira de etc, etc. E assinado “o interino”.

O prestígio do Pasquim junto à classe artística e a esquerda, no entanto, não podia ser negado. A atriz Fernanda Montenegro chegou a protagonizar debochadas fotonovelas

nas páginas do semanário. E o espaço pra crítica social sempre esteve presente, embebido em muito humor negro e ironia. Algumas questões colocadas com muito bom humor na época podem perfeitamente se aplicar aos dias de hoje.

Um dos pontos altos do Pasquim eram suas entrevistas. Leila Diniz, Madame Satã, Glauber Rocha, Gabriel Garcia Márquez, Oscarito. Personagens interessantes não faltavam na década de 1970. E colaboradores também não. Chico Anysio, Jô Soares, Danuza Leão, Vinícius de Moraes, Tostão entre muitos outros.

CAPÍTULO 2 – FUTEBOL X POLÍTICA

2.1 - FUTEBOL COMO AFIRMAÇÃO POLÍTICA

Gilberto Agostino, em seu trabalho *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, sem deixar de registrar que o esporte também já serviu a nobres ideais em busca da liberdade (quem tem mais de 30 anos deve se lembrar da seleção polonesa na Copa do Mundo de 1982, na Espanha, sempre acompanhada nos estádios pela bandeira do movimento sindical Solidariedade).

Em sua pesquisa, Agostino recorda que foi no condado de York, em Sheffield, centro industrial de aço, na Inglaterra, que nasceu em 1855 o primeiro clube voltado especificamente para o futebol. Aliás, o futebol desde suas origens esteve ligado aos trabalhadores, em função da gradativa ampliação dos horários de lazer, especialmente com a folga após o meio-dia de sábado. (AGOSTINO, 2002)

O autor lembra que a final da Copa da Football Association, a primeira liga da modalidade, em 1877, no Crystal Palace, em Norwood, subúrbio de Londres, reuniu mais de 27 mil pessoas, a maior parte operários.

No Brasil, o futebol logo conquistou adeptos na incipiente classe trabalhadora do Rio de Janeiro, o que levou alguns intelectuais a condená-lo. O escritor mulato Lima Barreto, por exemplo, foi um dos organizadores da Liga contra o Futebol. Mais tarde, o romancista Graciliano Ramos também iria questionar o esporte bretão, dizendo que o futebol não iria conquistar o sertão.

Como mostra Agostino, a princípio, não só na Europa como na América do Sul, abriu-se através do esporte um importante elemento questionador do mito da superioridade do homem branco, principal base ideológica do imperialismo, que “justificava”, por exemplo, a presença de europeus na África. Em 1919, por exemplo, foi realizado o primeiro Campeonato Sul-Americano, possibilitando aos brasileiros a conquista de um título que representou um dos maiores orgulhos nacionais da época.

Como observa o autor, logo os fascistas iriam se aproveitar da força que o espetáculo esportivo podia vir a representar numa sociedade de massas, embora Mussolini,

a princípio, tenha dado maior importância aos chamados esportes de guerra: ginástica, boxe, natação, esgrima e tiro. Só mais tarde o futebol seria considerado um esporte condizente com os mais nobres valores do regime. E o Duce logo iria se deixar fotografar ao lado de futebolistas para tentar passar a idéia de força física.

O auge dessa exploração dar-se-ia na Copa do Mundo de 1938, quando a Squadra Azurra derrotou a Hungria na final por 4 a 2. Pouco antes do jogo, os jogadores receberam um telegrama do próprio Mussolini: Vencer ou Morrer. Com a vitória, os jogadores seriam recebidos em Roma como novos gladiadores.

Também a Alemanha nazista fez dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, a apoteose esportiva e estética do Terceiro Reich, aproveitando-se de uma competição pacífica entre nações para promover uma explosão de ódio e terror e de perseguição a judeus, ciganos, comunistas, anarquistas e tantos outros.

Em 1978, na Argentina, igualmente sob botas, a Copa do Mundo foi organizada para levar o time da casa ao título e estimular o patriotismo e legitimar o regime espúrio. Muitos jornalistas compararam a cerimônia de abertura dessa Copa à estética política do nazismo. E não estiveram longe da verdade.

Em seu estudo, Agostino lembra ainda que o momento da decolagem da interação do futebol com os meios de comunicação foi a Copa da Suíça em 1954, transmitida pela primeira vez pela TV. Nascia a Eurovisão e começava a declinar o domínio do rádio nas transmissões esportivas. Na Copa da Suécia, em 1958, as transmissões foram para quase todos os países da Europa, embora nem todas as famílias dispusessem de televisores.

A maior exploração política do futebol no Brasil, porém, viria vinte anos mais tarde, quando a seleção sagrou-se tricampeã do mundo no México, à época em que a ditadura militar promovia a tortura e a matança indiscriminada de opositores políticos. A cada vitória, uma aclamação popular parecia legitimar o regime, enquanto o próprio ditador de plantão, o general Garrastazu Médici, aparecia no noticiário da TV fazendo canhestramente embaixadas com a bola nos pés.

Mas a grande mudança deu-se em 1970, na Copa do México, quando algumas partidas foram disputadas sob o sol do meio-dia para atender a exigências da TV e a propaganda invadiu quase todos os espaços ao redor do gramado. Mais tarde, alcançaria as

camisas dos jogadores e muito mais.

Para Agostino, talvez seja impossível resistir a estandardização do jogo, que pode levar a modalidade a uma espécie de Rollerball, como mostrado num antigo filme de Hollywood. Em tempos de globalização, em que a nova ordem financeira internacional alimenta-se da pobreza humana e da destruição do ambiente natural, mais do que nunca, o “colonialismo de mercado” domina o futebol. (AGOSTINO, 2002)

É o que explica por que os clubes europeus compram por bagatelas os direitos de ter um jogador sul-americano para transformá-lo em máquina de fazer dinheiro, como exemplo podemos citar o brasileiro Alexandre “Pato” saiu do Sport Club Internacional em 2007 vendido para o Milan por aproximadamente 20 milhões de dólares, hoje seu passe passa facilmente de 100 milhões de dólares.

A dança dos deuses de Hilário Franco Júnior é dividido em duas partes, uma histórica e outra de viés analítico. Do ponto de vista histórico, o autor mostra como o futebol não pode ser dissociado da história geral das civilizações. Exemplo eloqüente encontra-se na lógica da sua propagação e rejeição, a partir da Inglaterra, tendo sido bem aceito nos países que sofriam forte influência cultural inglesa, mas nunca devidamente incorporado em países que constituíram o império, como Austrália e Canadá. A própria evolução das regras e das táticas do esporte responderam, é fato, a necessidades específicas do jogo, mas também só podem ser entendidas em contextos de adaptação do futebol às mudanças no mundo. Na segunda parte, Franco Júnior procura investigar o esporte como metáfora sociológica, antropológica, religiosa, psicológica e lingüística. Somos levados a pensar, por exemplo, sobre os diferentes usos políticos do futebol, seja por regimes autoritários ou democráticos, tanto uns quanto outros sempre abraçados ao nacionalismo. O autor nos convida a refletir sobre os sentidos ocultos em toda a ritualização do mundo esportivo, nos nomes dos times, nas cores das camisas, nos escudos, e ainda recorre a Freud para examinar a fascinação que o esporte exerce.

No capítulo 4, Hilário Franco Júnior relata a instabilidade do futebol e da política brasileira no período pós Vargas, a tentativa da criação do campeonato nacional brasileiro como parte da identidade nacional e relacionado a copa de 70, as contradições da escalação e preparação da equipe por João Saldanha, a entrada de Zagallo e a militarização posterior

da seleção até a vitória final e propaganda para o regime militar bem como o impasse da esquerda em torcer para a seleção. (2007, p. 130-144)

O texto de Fátima Ferreira Antunes, “Com brasileiro não há quem possa!” nos remete as idéias de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues expressas por meio de um discurso acalorado que identifica o futebol como um dos elementos mais importantes na construção do imaginário popular do que significa ser brasileiro. Os textos desses escritores são documentos históricos por mobilizarem as atenções de uma época e participarem do processo de construção da identidade nacional. Com base na análise de suas crônicas publicadas em jornais e revistas, o livro revisita o passado, verifica como ele ecoa no presente e traça elos entre o futebol e a brasilidade. (ANTUNES, 2004)

2.2 – FUTEBOL E NACIONALISMO NO BRASIL

No sentido de sentimento de nação, nacionalidade ou de comunidade nacional cabe lembrar a grande obra de Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas* em que Anderson define a nação como “[...]uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (2008, p. 32). Para ele, a nação seria:

- Imaginada porque seus membros nunca conhecerão todos os demais; na mente de cada indivíduo reside uma imagem da comunidade da qual participam. Ou seja, ainda que os limites de uma nação não existam empiricamente, seus indivíduos são capazes de criar e imaginar tais fronteiras, criando e imaginando seus membros.
- Limitada porque a nação é limitada em suas fronteiras por outros territórios; Anderson critica a possibilidade de uma nação abranger toda humanidade, pois seria inviável para a consolidação de um sentimento nacionalista abarcar toda humanidade - uma vez que a nação é um critério de distinção entre grupos e comunidades.
- Soberana porque o surgimento do nacionalismo, segundo Anderson, está relacionado ao declínio dos sistemas tradicionais de governabilidade (monarquia, na Europa, ou administração colonial na Ásia e Américas) e à construção de uma nacionalidade baseada na identificação étnica, racial e/ou cultural. Esta identificação

possuiria um projeto comunitário de união baseada nas diferenças de um povo para o outro. A soberania nacional, deste modo, é um símbolo da liberdade frente às estruturas de dominação antigas, gerando novas estruturas de dominação, como a administração estatal, a divisão intelectual do trabalho (administradores, burocratas, professores universitários, etc.), o capitalismo editorial e o surgimento de práticas de controle estatal (censo para a população, mapas para o território e museus para a cultura legítima).

- Comunidade porque uma nação é concebida enquanto estrutura horizontal na sociedade. Ou seja: é possível membros de diferentes classes sociais, em diferentes posições sociais, ocuparem um mesmo âmbito nacional e estarem vinculados por um projeto em comum.

Portanto, para Benedict Anderson, a nação nada mais é do que uma comunidade limitada, soberana e, sobretudo, imaginada. Limitada porque por maior que elas sejam, sempre haverá fronteiras finitas; soberana porque pressupõe lidar com um grande pluralismo viva e finalmente imaginada, porque seus indivíduos, mesmo nunca conhecendo integralmente uns aos outros, compartilham signos e símbolos comuns, que os fazem reconhecer-se como pertencentes a um mesmo espaço imaginário. (ANDERSON, 2008)

Somente para apreciarmos e desenvolvermos a historiografia e tentarmos entender dentro do contexto histórico do Brasil pós 64 e como o futebol pôde influenciar o sentimento de patriotismo do povo brasileiro e a contínua e ampla manipulação a que foi submetido.

Como toda época, 1970 chegava com seu próprio contexto histórico. A geração de Pelé e Garrincha ganhara os títulos de 1958 e 1962, tornando o Brasil um dos países com o maior número de conquistas até então (duas, junto com Uruguai e Itália). Porém, em 1966, com um time completamente desorganizado, com Pelé sendo literalmente caçado pelos seus marcadores, e tendo Garrincha em franca decadência física, a ponto de ser barrado na terceira partida, o Brasil realizou uma campanha pífia, perdendo pela primeira vez duas partidas em uma mesma Copa do Mundo. Assim, apresentando um grupo basicamente renovado, o selecionado deixara o Brasil rumo ao México sob a desconfiança da torcida, tendo da geração vencedora o comando de Pelé no ataque e de Zagalo na comissão técnica, este, em substituição ao comunista João Saldanha.

Contrariando as expectativas, o Brasil passaria de forma relativamente tranqüila pelos seus adversários, vencendo todas as partidas até chegar a semi-final (4X1 na Tchecoslováquia; 1X0 na Inglaterra; 3X2 na Romênia e 4X2 sobre o Peru).

A copa de 70 no México foi a primeira a ser transmitida ao vivo pela televisão e a cores (não no Brasil), fazendo com que gestos, comemorações, feições e expressões dos jogadores passassem a fazer parte do espetáculo mundial, reproduzido e idolatrado em escala nunca vista. A propaganda embalou a seleção desde sua partida para o México, a marchinha "pra frente Brasil" era tocada nas rádios, programas de televisão, desfiles militares e em escolas, a expressão "ninguém segura este país" era conhecida de todos e circulava nos automóveis o adesivo "Brasil, ame-o ou deixe-o". Antes mesmo da conquista, o presidente Médici, sem a farda militar, era fotografado cabeceando uma bola, o álbum de figurinhas da copa, com as fotos dos campeões tinha como primeira figurinha uma grande imagem do próprio presidente.

A conquista do tri-campeonato mundial no México pode muito bem ser considerada como o marco de uma nova fase para o futebol brasileiro. A partir do ano seguinte, explorando a figura do Brasil como "país do futebol" e campeão absoluto da taça Jules Rimet, a Confederação Brasileira de Desportos, aproveitando-se da estrutura da Taça Roberto Gomes Pedrosa (vulgo "Robertão", torneio interestadual disputado pelos principais times do país), resolveu organizar o primeiro campeonato nacional de futebol, que seria vencido pelo Clube Atlético Mineiro. Organizada de forma a agrupar representantes de todos os estados do país, a competição mostrava-se pródiga na organização de fórmulas criativas, produzindo muitas vezes campeões que haviam somado, ao longo da competição, menos pontos que seus vices. A competição, utilizada pelo regime militar para ampliar seu espaço político, chegou a congregiar noventa e quatro clubes no ano de 1979, dando origem à máxima de que "onde a Arena vai mal, mais um clube no nacional", ao que muitos acrescentavam: "e onde vai bem, mais um clube também".

CAPÍTULO 3 – O PASQUIM E O MUNDIAL DE 1970

3.1 – O PASQUIM ANTES DA COPA DO MUNDO DE 1970

Nas primeiras edições do Pasquim não há referências, notícias, críticas ou charges referentes à copa do mundo de futebol que aconteceu em maio e junho de 1970 no México. A primeira inserção referente ao mundial, foi um comercial criado por Jaguar para os postos Shell. As inserções publicitárias no jornal, invariavelmente eram criadas pelos próprios integrantes do jornal, portanto a maioria dos personagens do Pasquim participavam da peça publicitária. Este comercial, especificamente, foi criado por Jaguar em forma de quadrinhos, ocupando toda a página, em que um popular com uniforme da seleção brasileira, está dizendo:

- O negô⁹ é o seguin: O Simú de vocês aos camaradinhas um natal com muito champignon, um ragú malandro na festa de fim de ano e outras cascatas.

- E pras feras do João, aquele recado: não entreguem o ouro que o caneco é nosso!

- olha aí gringo: tudo de bom pra você também, mas güenta as pontas que pro ano vamos buscar o caneco no México.

- E em 70, amigo, continue naquela de colocar 22 feras na sua caranga. Passe num posto Shell e dê aquela força, você sabe, comprando o símbolo verde e amarelo da seleção.*

- Eu disse - (O Pasquim 27, p. 18)

Portanto até a edição 27 a única referência encontrada sobre a copa do mundo foi um comercial, e, como se sabe, comerciais geralmente são encomendados e, passa a impressão de que o padrão dos quadrinhos produzidos por Jaguar obedeceram esta regra.

A falta de notícias sobre a Copa, talvez tenha explicação na resistência ou preocupação que os integrantes do jornal tinham relacionadas à propaganda que o regime militar já estava fazendo, utilizando a seleção brasileira (as feras do João como passaram a ser chamadas, apelido dado aos jogadores por Nelson Rodrigues), preocupação essa que veremos nas edições seguintes mais próximas da Copa. Notícias sobre futebol em geral eram publicadas, como exemplo, na edição 24, p. 23 que noticia a chegada do goleiro Ado

⁹ O Pasquim também transformou a forma como a imprensa relacionava-se com o leitor, seja nas entrevistas como na criação de palavras novas, na redução de palavras ou na fusão de uma ou mais palavras, criando gírias que foram largamente utilizadas no Brasil inteiro.

* *Símbolo da Shell.*

ao Corinthians, ou da edição 30 que publica uma reportagem de Jairzinho no Botafogo, também na edição 32 foi publicada uma entrevista com o treinador Yustrich do Flamengo intitulada: “A Fera do Fla é fôfa”.

João Saldanha foi escolhido como treinador da seleção logo após a edição do AI-5, para surpresa de todos, pois tinha estreitas ligações com o Partido Comunista Brasileiro, o que provocava críticas da esquerda e da direita, porém, escalando os melhores jogadores da época, obteve resultados expressivos em amistosos e nas eliminatórias¹⁰. Mas, sua passagem pela seleção foi rápida, polemista, a ele são atribuídas declarações que levaram a sua demissão, como a de que Pelé tinha problema de visão e também a suposta resposta que deu ao presidente Médici, que insistia na escalação do atacante Dario: “Ele escala o ministério e eu escalo a seleção”. Saldanha foi demitido em 17/03/1970, pouco mais de 2 meses antes do mundial, Zagalo foi anunciado no dia seguinte e no dia 19 de março convoca mais 5 jogadores, entre eles, Dario¹¹.

Sobre a demissão e as declarações, o Pasquim registrou na seção as dicas com Pedro Ferreti, “entrevistados na tribuna da imprensa do Maracanã: Esse João Saldanha é o Jânio Quadros do futebol brasileiro”. (O Pasquim 39, p. 30)

Os comerciais pagos eram, invariavelmente, feitos pelos próprios integrantes do jornal, este comercial de lançamento da revista Placar, o personagem é Zeferino, desenhado por Henfil, verificamos:

- *Placar incendiou o futebol nacional!*
- *Em todos os botecos do Brasil só se fala nas denúncias terríveis que Saldanha Kid fez em Placar sobre as sujeiras da seleção!*
- *Placar, a nova revista esportiva semanal da abril está abalando a velha estrutura do esporte brasileiro com suas reportagens, denúncias, suas fotos indiscretas... Placar incomoda! (O Pasquim 41, p. 5)*

¹⁰ Logo no início de seu trabalho no comando da seleção, Saldanha convocava o novo plantel de jogadores e garantia que o levaria à classificação de seu grupo e à fase final no México. As feras do Saldanha, conforme expressão famosa de Nélson Rodrigues, eram formadas por: Félix, Carlos Alberto, Brito, Djalma Dias e Rildo; Gerson e Piazza; Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu. Na reserva havia ainda: Cláudio (substituído por Lula), Zé Maria, Scala, Joel e Everaldo; Clodoaldo, Rivelino e Dirceu Lopes; Paulo Borges, Toninho e Paulo César.

¹¹ João Havelange afasta João Saldanha e Adolfo Milmam da comissão técnica e entrega o comando provisório da seleção a Admildo Chirol. Em 18 de março de 1970, Zagalo recebe o convite através do diretor de futebol da CBD, Antonio do Passo, para dirigir o selecionado nacional, o qual é imediatamente aceito. Logo ao assumir o novo posto, são então convocados Dario, Arilson, Leônidas, Félix e Roberto.

Na mesma edição, entrevista com Chico Buarque de Holanda que chegara da Itália, nas páginas 14 e 15, tratando deste assunto, ou seja, a queda de João Saldanha:

Chico: - [...]Eu jogo assim como Pelé, ponta-de-lança recuado, marco muito gol.

Jaguar: - Como o Pelé você também não enxerga direito?

Chico: - Tenha (sic) mais essa vantagem sobre ele. Esse negócio de não enxergar é novidade, eu estou sabendo disso hoje. Essa confusão eu não consegui entender ainda...

Maciel: - Como é que você acompanha esse negócio de seleção brasileira, o pessoal estava acreditando no Brasil? Como é que você recebeu esta “bomba” do João Saldanha?

Chico: - nisso eu sou estrangeiro. Querendo ouvir falar do Brasil na Itália você tem que comprar jornal de esporte. Ai falam sempre. O Brasil estava sendo apontado como favorito. Agora, notícia do Saldanha me pegou aqui, não estou por dentro. Estão me contando essas coisas agora, esse negócio do Pelé não estar enxergando e tudo. Eu ouvi a notícia que Saldanha tinha saído, lá, mas não contava o porquê.

César Tedin: - O Saldanha é um sujeito formidável que entende de futebol à beça, respeitadíssimo, mas ele faz essa acusação a Pelé: Pelé tem um problema de saúde. Até agora não houve resposta. Disseram simplesmente que não. Ou o Pelé está realmente incapaz para o futebol ou então o João está maluco. Que que você acha?

Chico: - Vai ser um páreo duro porque eu gosto muito do João o que eu conheço dele e o Pelé é o Pelé. Na Itália ele tem um nome que você não imagina. Se você fala Brasil é Pelé e acabou[...](O Pasquim 41, ps. 14-17)

Mário Jorge Lobo Zagalo assumiu a seleção, já classificada, também houve mudanças na comissão técnica, foram colocados vários militares em postos chaves da comissão que iria à copa, assim o chefe da delegação era o “brigadeiro Jerônimo Bastos, a segurança com o major Roberto Guaranyr, [...]a supervisão com o capitão Claudio Coutinho, preparação física era composta pelos capitães Kléber Camerino e Benedito José Bonetti, a preparação de goleiros entregue ao subtenente Raul Carlesso.” (FRANCO JR, 2007, p. 142). Como diziam na época, “futebol é coisa séria demais para ficar em mãos de civis”.

Porém, Zagalo desagradou os integrantes do Pasquim desde a sua estréia, e recebeu críticas duras nas páginas do semanário, Sérgio Cabral, torcedor do Vasco da Gama criticou Zagalo pela notícia da convocação de Roberto, atacante do Botafogo que tinha como companheiros Jairzinho e Paulo Cesar Caju, como vemos na edição 41, seção as dicas na página 31 sob o título: Roberto x Tostão

Gosto tanto do futebol do atacante Roberto que gostaria muito de vê-lo jogando no Vasco da Gama. Mas daí colocá-lo no lugar de Tostão, essa não Zagalo. Tostão é um supercraque e Roberto é um bom atacante. Essa é a diferença entre eles.

[...]Zagalo pode dizer que precisa de um atacante de choque, mas isso é uma tremenda bobagem. Roberto, por acaso, vai vencer no choque aquêles becões europeus? [...]Então o negócio é vencer na habilidade, virtude que é de Tostão, Pelé e de uns dois ou três outros [...].Se o Zagalo mantiver Roberto e retirar Tostão, começarei a suspeitar de que está terrivelmente atacado de uma botafoguite incurável. (O Pasquim n° 41, p. 31)

Também constatamos críticas relacionadas à saída de João Saldanha, porém o jornal não explica em detalhes o motivo principal de sua demissão, como nos mostra na edição 42, também na seção as dicas a página 31, no texto de Sérgio Cabral intitulado “Pelego”:

O chefe da comissão técnica da seleção brasileira, Sr. Antônio do Passo¹², traiu miseravelmente João Saldanha. Quer dizer: Ele é a soma da mediocridade com o mau caráter. Acho que quando o Flávio Costa disse que o futebol brasileiro progrediu apenas da boca do túnel para dentro do campo estava pensando no Sr. Antônio do Passo. (O Pasquim n° 42, p. 31)

Sobre a cobertura dada pelos meios de comunicação constatamos, também na edição 42 e também na página 31, as primeiras críticas sociais relacionadas à este evento, que tomava conta de todos com a proximidade cada vez maior, sobre isto critica Pedro Ferreti na crônica intitulada: “Para a Bola”

Olhem aqui, êsse negócio de seleção já não está enchendo não? Por mim, já não agüento mais a cara de general romano do João Havelange[...]. A miopia do Pelé, a retina do Tostão, os traumas do Clodô etc, etc, etc. [...] Parece que de repente êste país é só futebol. E os cronistas, meu Deus [...] a humildade do Zagalo, a arrogância do João [...]. E, no entanto, quando a gente fala com pessoas de bom-senso, a impressão que fica é que essa seleção aí é meio perna-de-pau, e que não vai dar para saída no México. E, se isso acontecer – claro que espero o contrário – um dos motivos certamente terá sido a confusão armada pelos donos “intelectuais”do futebol [...]. Conheço algumas coisas mais difíceis, mais importantes para o País e que, se vencidos, nos dariam algo mais que uma taça e uma válvula de escape para uma massa popular mantida na mais absoluta ignorância das causas de sua miséria e atraso. (O Pasquim 42, p. 31)

O Mesmo Pedro Ferreti, critica o Congresso Brasileiro, na edição n° 44, página 36, seção antidica, sob o título: “Na onda certa”

¹² Antonio do Passo, diretor de futebol da CBD à época, foi quem demitiu João Saldanha, existem várias informações sobre o real motivo da saída de Saldanha, como a briga com Yustrich, a briga com Pelé ou que Saldanha era comunista e iria denegrir a imagem do Brasil no exterior.

Nos últimos dias tem havido grandes debates no Congresso brasileiro. O assunto: A seleção nacional. O deputado Floriano Rubin (ARENA – Espírito Santo) fez a defesa dos dirigentes da CBD. O deputado Veiga Brito (ARENA – GB) manifestou-se contrário ao envolvimento de seu nome no noticiário que menciona uma possível intervenção federal na CBD, a pedido do senador Vasconcelos Tôrres, do estado do Rio. Como se vê, o congresso está perfeitamente sintonizado com os anseios da nação, discutindo temas que decidirão o destino do país. (O Pasquim n° 44, p. 36)

Importante registrar a crítica do Pasquim aos cartolas do futebol de alguma forma ligados ao regime, a seguir constatamos a crítica em forma de quadrinhos de Ziraldo, trata-se de uma transmissão de um jogo FlaxFlu pela TV que havia acontecido semanas antes, mas que, como disse Ziraldo, não poderia deixar de comentar, são quadrinhos ocupando 2 páginas mostrando um monitor de tv ligado, é uma crítica ao narrador do jogo devido a uma suposta concessão feita para transmissão ao vivo do jogo pelos cartolas do futebol, no caso, nos parece ser o presidente da Federação Carioca ou Fluminense, pois a brasileira era Confederação:

[...]- E temos aqui entre nós, Oh! S. Excia. Revma. e Augusta, o magnífico presidente da Federação, the first!
- Minha voz está assim distanciada do microfone, eis que me encontro ajoelhado aos pés de S. Santidade, Cartolão I, que concedeu-nos, a nós, vis mortais, a glória de podermos ver o jogo pela TV!
- Mas, é sem precedentes!
- Claro, Excelência! claro, majestade! claro, capitão! claro! claro! claro! Eu já reli quinhentas vezes a sua linda nota oficial!
- Ensejando sua presença meu senhor e presidente, gostaria de solicitar-lhe a nível gentileza de me autorizar a comentar o próximo jogo de smoking
- pode!
- vocês notaram??? Oh, vocês viram?! Vocês viram o que apareceu aí em primeiro plano? oh! oh! Foi o maravilhoso pendão auri-verde da nossa pátria!!!
- Arilson fez falta ao Flamengo e não está sendo bem aproveitado na seleção ... oh... digo, por favor... me entendam... vejam bem... eu não tenho nada contra o Zagalo... nunca!
[...]- Êste jôgo foi transmitido pela bondade magnânima de nosso presidente em homenagem a êste povo maravilhoso que aqui está prestigiando o futebol carioca... (Pasquim n° 45 de 03 a 10/05/70, pgs. 10-11)

Na mesma edição, há uma entrevista com Tostão (reportagem de capa), nesta longa entrevista, presenciamos claramente o posicionamento político perante as notícias do futebol, a contrariedade dos entrevistadores com a utilização do futebol como forma de legitimar o regime militar, a pergunta é seca e direta, e, como vemos, Tostão tem opinião

própria sobre o assunto, embora passe a impressão de sentir-se pouco à vontade de externar suas opiniões. Ao final, Tostão defende a seleção brasileira:

Tarso: - Você é um ídolo nacional. Você acha que um ídolo tem necessidade de participação política, já que ele empolga uma multidão toda. Você não acha que ele tem necessidade de uma definição política permanente? Política no bom sentido, não é essa besteira de UDN, política de participação na luta geral do homem [...]

Tarso: - Eu, por exemplo, morro de medo de dizer que sou democrata [...]se você tivesse que se definir politicamente, você acha que o homem tem direito de dizer o que quer, defender o pensamento que ele acredita, que seja certo em qualquer situação?

Tostão: - Eu acho que sim, mas infelizmente ainda não podemos agora dizer o que queremos porque estamos privados de muita coisa. Eu acho que isso é um direito de todo homem, está escrito na constituição. Isso é lei. Mas infelizmente...

Tarso: - Escrito onde?

Tostão: - Quer dizer na Declaração dos Direitos do Homem. Às vezes a gente tem que ficar sujeitos a coisas que vem de cima, então a gente não pode dizer o que quer, o que pretende. O certo seria que todo mundo tivesse as suas idéias, falasse as suas idéias e mostrasse o que pensa, o que acha, e não a gente ficar numa coisa só e ficar sujeito a aceitar isso e não poder dizer mais nada, eu acho isso errado.

Tarso: - É claro que eu vou falar em teoria [...] por exemplo, se o govêrno grego, onde existe uma ditadura terrível, você acha que um govêrno como a Grécia merece o campeonato do mundo? Mesmo que a Grécia tivesse os melhores jogadores do mundo, você acha que merecia?

Tostão: - Eu acho que não tem nada uma coisa a ver com outra. O que importa é que ela tenha jogadores bons e se tiver merece. ((Pasquim n° 45 de 03 a 10/05/70, p. 17)

Cabe informar que Tarso de Castro criou a expressão “ditadura grega” para referir-se à ditadura brasileira.

Na edição 46 de 07 a 13/05/70 (lembramos que a Copa do mundo inicia em 31/05) na seção “O que há para ler”, Tarso de Castro critica fortemente Zagalo:

Na “Ultima Hora” do México, Ademir Menezes revela que Zagalo, essa figura triste de técnico da seleção, desdisse o que disse por aqui. Isto é, a seleção está formada mas não está. O que quer dizer que Tostão joga ao lado de Pelé mas não joga. Trocado em miúdos, isto poderia querer dizer uma coisa mais ou menos certo. É possível, bastante provável, que o Brasil chegue a tentar se classificar.

Esse Zagalo, se não fosse um chato, seria folclórico. Incompetência ele têm de sobra. (O Pasquim 46 de 07 a 13/05/70, p. 30)

Na edição 47 de 14 a 20/05/1970 há um longo texto de Hélio Fernandes, intitulado “Antes da Copa, a disputa é entre Tostão e Lobo Zagalo”, que novamente coloca em

cheque a capacidade de liderança de Zagalo e a possibilidade da seleção brasileira conseguir um bom desempenho no México, é a crítica ferrenha, sem trégua, porém sem aparente conotação política, a citação é longa pois o texto ocupava 2 páginas, contudo entendemos ser importante para compreensão do pensamento editorial do jornal à época :

24 horas depois de assumir o comando supremo da seleção brasileira (será que alguém acredita mesmo que haja um comando supremo na seleção brasileira depois que João Saldanha foi destituído?) o Sr. Zagalo Lobo passava o atestado da própria incapacidade, afirmando, com arrogância “daqueles que terão o reino dos céus”: Pelé e Tostão não poderão jogar na mesma seleção [...]

Enquanto o Sr. Zagalo Lobo descansava, a seleção carregava pedras, inútilmente, pois o esquema de jôgo impôsto pelo nôvo técnico tinha um característica realmente inédita e singular: para a sua execução exigia os menos capacitados, os de melhor talento profissional, ou seja, preferia jogadores piores, estranhamente deixando no banco de reservas os melhores e os mais capacitados.

Foi assim que o Sr. Zagalo Lobo começou, foi assim que “obteve” o “sensacional” empate de zero a zero com o Paraguai, mais outro “notável” empate de zero a zero enfrentando os juvenis da Bulgária, para finalmente se despedir do público brasileiro com outro “fantástico” resultado: um a zero contra a modestíssima seleção da Áustria. Um recorde que encheu de preocupação tôda a torcida brasileira, mas satisfez plenamente o senhor Zagalo Lobo: [...]

Se contra Inglaterra ou Tcheco-Eslováquia jogarmos como jogamos contra Paraguai, Bulgária e Áustria, seremos inapelavelmente esmagados, não marcaremos nenhum gol e sofreremos na certa vários dêles.

Quase tudo na seleção brasileira está errado: escolha do técnico, convocação dos jogadores, dispensa como contundidos de elementos que estão em plena forma em seus clubes, treinamento, supervisão dos trabalhos, chefia da delegação, constituição desta mesma delegação com 22 representantes fora de campo e 22 dentro do campo (ou seja, um número igual de jogadores e não jogadores), o que prova pelo menos que houve “isenção” e “equilíbrio”. Ha! Ha! Ha! mas principalmente o que está errado, acima de tudo e sobretudo, é a preparação tática e técnica e a escalação dos jogadores.

[...]

A mais inacreditável de tôdas as besteiras já ditas por qualquer técnico de futebol, em qualquer tempo, em qualquer época e em qualquer país, foi indiscutivelmente a do senhor Zagalo Lobo: Pelé e Tostão não são goleadores, não podem jogar juntos. Como a CBD não tomou a providência de demitir imediatamente o senhor Zagalo Lobo por incompetência, e como só agora, contrafeito, êle faz a experiência de botar, circunstancialmente os dois grandes jogadores juntos, é preciso mobilizar a opinião pública para que Pelé, Tostão e Rivelino (outro extraordinário jogador que não pode ficar no banco de reservas, a não ser por contusão) joguem juntos, pois só assim o Brasil terá alguma chance de fazer boa figura.

[...] durante meses o Brasil só teve uma preocupação [...] que era a recuperação de Tostão. Durante meses, Tostão foi manchete obrigatória dos jornais brasileiros [...]. No Brasil inteiro se perguntava: Tostão estará em condições de disputar a Copa do Mundo?

[...] Até que um belo dia vem a notícia definitiva e alvissareira: Tostão estava completamente recuperado [...].

Mas inesperadamente, com a “bomba João Saldanha”, explode uma outra: a “bomba Zagalo”, com a sua consequente afirmação arrasa-quarteirão, de que “Pelé e Tostão não podem atuar juntos, pois a seleção precisa de um homem-gol”.

[...] Então vem outra explicação do senhor Zagalo Lôbo: “Pelé e Tostão descem e sobem para buscar jôgo, não são homens de área”.

[...] Se o senhor Zagalo Lôbo pretendia com isto se firmar como humorista, acertou em cheio, já garantiu o seu lugar nas páginas de O PASQUIM, ao lado de Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo, Fortuna, Claudius, etc.

Mas como futebol é coisa séria demais, pois não é à toa que ele é a paixão de um povo e o grande esporte nacional, então o senhor Zagalo Lôbo só tem uma saída: ou recompõe a grande dupla Pelé-Tostão ou explica racionalmente por que não o faz [...]. (O Pasquim 47 de 14 a 20/05/1970, ps. 18-19)

Nas mesmas páginas, charge do Henfil em que uma grande quantidade de pessoas com cartazes de “Tostão” e “Tostão + Pelé” e o Zagalo dizendo: - “E que adianta o povo querer Tostão se a escalação é indireta?” (O Pasquim 47, ps. 18-19)

3.2 – O PASQUIM DURANTE E APÓS A COPA DO MUNDO DE 1970

O pasquim 48 de 21 a 27/05/70, edição da semana anterior ao início da Copa, os editores parecem render-se aos encantos da Copa do Mundo, anunciam na seção a dica sob o título “o nosso homem”, com veremos a seguir, o envio de um representante do Pasquim para o México:

[...]Está todo mundo de acordo que o Pasquim não pode ficar por fora da Copa do Mundo, que tem que ter lá um camarada que entenda muito de futebol, de arbitragem, que seja uma grande figura humana, que seja inteligente e bacana.

Quer dizer: Armando Marques é o nosso homem no México, durante a copa do mundo. Armandinho vai fazer uma cobertura de uma maneira inteiramente pessoal, informando, protestando, elogiando, enfim, aqueles babados que só Armando Marques sabe fazer.

Portanto, veremos a Copa pelos olhos do nosso homem, Armando Marques. (O pasquim 48 de 21 a 27/05/70, p. 29)

Nesta página temos uma foto do Armando com um cigarro na boca, perguntando: “Eu dou pra comentarista?” e o Sig (mascote do Pasquim desenhado por Henfil) responde: “O pasquim acha que dá.”

Edição 49 de 28/05 a 03/06/70, já na primeira semana da copa, crônica do Armando Marques sob título: “Nosso colega na Copa-70”. Trata a matéria de um suposto encontro

entre Armando e Jarbas Passarinho, então ministro da Educação e Cultura do regime militar, após reconhecimento e apresentação, Jarbas encaixa assunto:

Ele - Ao assunto: e a seleção?

Eu - antes, a Loteria, pode?

Ele - Por que a loteria?

Eu - Não sei. No terceiro teste, ministro, o balancete deixou-me assustado. Vendeu 230 mil cartões e rendeu 872 milhões (arcaicos) e para o esporte, razão de sua criação, ficaram apenas 58.800 milhas [...]. O Sr. não acha que é pouco milhão para o esporte, todos, e em todo o Brasil? [...]

Ele - Armando, isso é fase experimental. Com o andamento da coisa, vai-se consertando o sistema, aparando-se as arestas.

Ele - E a seleção?

Eu: - Está no México.

Ele: - Gozação?

Eu - Não. Desculpe a escalada. Melhorou. Quer dizer, começou bem, tinha caído, mudaram tudo, piorou um pouco e agora começou a engrenar. Afinal o Zagalo entendeu que é melhor perder com 90 milhões que vencer só.

Ele - Como assim?

Eu - O time do Zagalo não era o time do povo, da imprensa, de ninguém.

Ele - Nem o meu. Muito menos o do Presidente.

Eu - Ministro, o Sr. andou escutando todos. CBD, técnico que saiu, assessores, CND. E depois moitou Por quê?

Ele - Não é hora de falar, e sim de trabalhar. O interesse de meu ministério e do governo é o de todos: a copa.

Eu - Então devemos conversar com os outros 15 concorrentes, com os juizes e coisa e tal. Eles podem não estar de acordo e estragar a festa.

Ele - V. está muito chato. Meu carro já chegou. Um abraço.

Eu - Um abraço ministro. Por favor não esquece de aumentar a cota do esporte na loteria. Tem muita administração e pouco esporte.

Volto para casa “cheio” ainda. Pensando [...] não concordo com o a sua portaria sobre a porcentagem de dirigentes em cada delegação que vai ao estrangeiro com auxílio governamental. [...] não gosto de sua redação. Fala em dirigentes e atletas. E o pessoal técnico, onde será computado? [...]

[...] Merece uma redação melhor a portaria. Um lembrete ousado: por que não pedir a um órgão oficial, que tem como função específica orientar, fiscalizar, dirigir e disciplinar a prática desportiva no país? Como por exemplo CND (aos amigos: fumo shelton) (O Pasquim 49 de 28/05 a 03/06/70, p. 2-3)

O Pasquim número 50 de 04 a 10/06/70, em plena Copa, verificamos 3 crônicas de Armando Marques, ainda no Rio de Janeiro, Armando passa na redação do Pasquim e registra a impressão geral dos integrantes, reportagem que sai sob título geral: “Vai começar o jogo.”

Crônica 2 - Título: “Com a patota da casa:”

Passo na redação para um adeus na turma. [...] bem, na redação, peço que me dêem suas opiniões sobre a copa, nosso time e etc (priiiii...) Lá vai:

Jaguar – Tuti Ladri! Roubam mais que o Bobby Moore.

Martha Alencar – Quando as feras viraram formigas perderam todo o charme.

Sergio Cabral – Se a seleção ganhar a copa, os méritos serão apenas dos jogadores, porque Zagalo se revelou um incompetente quando foi obrigado a escalar uma equipe diferente da do Botafogo. O Zagalo ainda se preocupa com problemas de 4-2-4 e 4-3-3, numa época em que esses sistemas não tem mais importância. Aliás, estou falando demais, por que a seleção não me preocupa. O que me interessa é o Vasco. Está na cara que os juizes escalados na chave do Brasil estão lá para roubar o Brasil. Basta lembrar que o tal de Yamazaki foi o mesmo que expulsou o Garrincha em 62. Quer dizer: o cara que tem coragem de expulsar o Garrincha é capaz de qualquer coisa. Até roubar em favor do Brasil.

Paulo Francis - Time bom se vê em campo, não em palpites de jornalistas. Juiz ladrão, idem, idem.

Luiz Carlos Maciel – os jogadores brasileiros são os melhores do mundo. Mas já eram em 66 e não adiantou nada. Duvido muito que adiante agora. Juiz é sempre ladrão quando o time da gente perde.

Tarso de Castro – A seleção brasileira é basicamente chata. Pode-se dizer que isto não tem nada a ver com o esporte. É mentira. Ninguém consegue ganhar sem [...]E como é que alguém pode achar que o chato do Zagalo consegue dirigir alguma coisa? É isto, técnico chato, seleção chata, já perdeu. A seleção vai perder porque ela é reflexo do nosso tédio nos dias atuais. (O Pasquim número 50 de 04 a 10/06/70, p. 2-3)

Na mesma edição, seção as dicas, Pedro Ferreti registra inconformidade com as críticas da imprensa às arbitragens, sob o título: “Futebol pra valer”

A conspiração dos árbitros é o último mito da imprensa brasileira, às vésperas da copa do mundo. Quase todo mundo acha que tubularemos no México. Todo mundo informado, digo. A maioria do povo, provavelmente, concia com a emoção de sempre em nossa vitória, por que futebol virou a única política popular possível no país e, logicamente, canaliza sentimentos represados noutras direções. Agora, presta ou não, o escrete? Isso pouca gente discute a sério, talvez pelo medo de dar uma gafe. O espaço incrível que a mídia esportiva tem no Brasil, superior ao dispensado a qualquer outros assuntos, deveria ser policiado pelos editores, que bem podem exigir dos críticos posições claras, que justifiquem os custos do papel e impressão. Mas ninguém quer correr o risco. Enquanto isso, dribla-se o leitor com histórias como essa da “conspiração” ou “máfia” dos árbitros. Claro, há juizes ladrões e incompetentes, mas isso se verifica em campo no hora do jogo. Já certos jornalistas, pelo simples fato de se omitirem, não precisam tocar na bola para que percebamos neles a má qualidade e má-fé. (O Pasquim número 50 de 04 a 10/06/70, p. 29)

Na edição 51 de 11 a 17/06/70, Armando Marques registra sob título: “Europeu não dá no couro”, o resultado da “militarização”¹³ da comissão técnica, com registramos

¹³ A CBD havia entregue a preparação física de nosso selecionado a três professores com experiência nos melhores centros de educação física: Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira e o Capitão Cláudio Coutinho. De fato, a equipe brasileira seria considerada pela Organização Mundial de Saúde, através de testes realizados em todas as delegações, como o selecionado de melhor preparo físico e Brito seria o atleta com o melhor desempenho físico.

anteriormente, o jogador brasileiro, rebelde e de talento inimitável cedia lugar ao atleta soldado, sujeito a mecanismos disciplinares e repressores, em analogia com o cidadão brasileiro submetido à ditadura:

Um ano. Um ano não. Desde a copa do mundo de 1966, em Londres, que não se fala noutra coisa no Brasil que não seja na fôrça, na preparação física, nos métodos científicos, etc. e tal das equipes européias. O conselho menos otimista que ouvimos era o que devíamos copiar, imitar o diabo, o que os times da Europa estavam fazendo em matéria de preparação física. O próprio Admildo Chirol saiu por aí com uma máquina de filmar em punho guardando todos os macêtes que eles sabiam fazer para que o seu jogador corresse os 90 minutos sem pregar, aquele negócio todo que vocês manjam muito bem.

Então veio a Copa do Mundo de 1970 [...] que estamos vendo é que as equipes latino-americanas estão dando um show de preparação física [...] (O Pasquim 51 de 11 a 17/06/70, pgs. 2-3)

Nesta mesma edição, Armando conversa com Didi, então técnico da seleção do Peru sob título: “Tacaram a rôlha no Didi”, dando a entender que Didi foi censurado pela ditadura em suas declarações:

Havia uns 600 caras comendo e bebendo na recepção que o embaixador brasileiro, no México, ofereceu em sua residência [...]. Didi, que já foi brasileiro, inclusive em 58 e 62, compareceu. Aí puxei um papo com êle:

Eu: - E a tal máfia de que você falou?

Didi: - Não tem

Eu: - Morreu?

Didi: - Não sei, Isso é invenção de jornal. Não falei nada disso.

Eu: - Annnnn. Tacaram-te a rôlha. (O Pasquim 51 de 11 a 17/06/70,

p. 3)

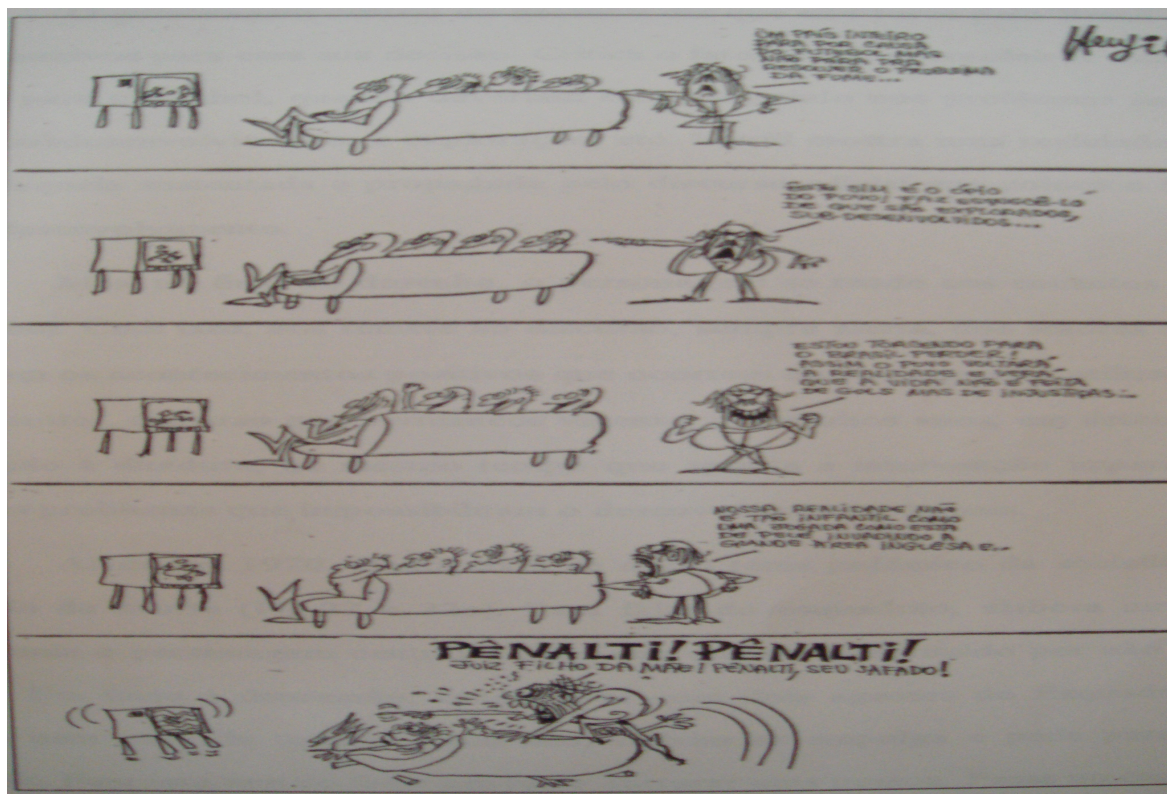
Nesta mesma edição verificamos uma charge do Henfil em 5 quadros que mostra o que ficou conhecido como o impasse da esquerda com a Copa de 70, acuada pela ditadura e fragmentada em várias tendências, a esquerda encontrava-se dividida em dar continuidade à luta ao regime e manifestar sua inconformidade com os desmandos no futebol ou torcer pela seleção brasileira, a charge, copiada na página seguinte apresenta uma família reunida, assistindo televisão, um jogo do Brasil e um sujeito atrás do sofá falando:

- Um país inteiro pára por causa do futebol mas não pára pra resolver o problema da fome...

- Êste sim é o ópio do povo! Faz esquecê-lo de que são explorados, sub-desenvolvidos...

- Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o povo voltará à realidade e verá que a vida não é feita de gols mas de injustiças...

- Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta de Pelé invadindo a grande área inglesa e ...
 - PÊNALTI! PÊNALTI! JUIZ FILHO DA MÃE! PÊNALTI, SEU SAFADO! (O Pasquim 51, p.11)



O Pasquim 51, p. 11

Na edição 53 de 25/06 a 01/07/1970, semana seguinte ao término da copa, encontramos um texto de Fausto Wolf chamado: “Forza (mas nem tanto) Itália.”

Esta matéria é ponto chave no presente trabalho, visto que nos ajuda a entender o contexto da época, pois norteia o entendimento do clima que tomou conta dos brasileiros com a conquista do selecionado nacional. Após meses de críticas profundas, principalmente da esquerda nacional, é surpreendente verificar um dos mais atuantes redatores do hebdomadário reconhecer o erro das críticas à Zagalo e ao comando geral da comissão técnica. Fausto Wolf mora em Roma com a mulher e a filha pequena e recebe Millôr Fernandes. Passeiam por Roma e no dia do jogo final, Brasil x Itália acomodam-se na casa de Fausto para ver o jogo, após a vitória e o espetáculo proporcionado pelos brasileiros, saem pelas ruas de Roma para comemorar. No final do texto de Fausto, ao concluir seu relato, verificamos que Millôr solicita um “post-sriptum”:

- P.S do Millôr Fernandes (O Millôr acha importante e desafia vocês a publicarem) – O mínimo que d'O PASQUIM pode fazer a partir deste momento é meter o galho dentro, numa autocrítica feroz, se não este jornal está ferrado. Batam no peito e digam mea culpa e comecem a fazer revisão de tôdas as besteiras que vocês todos, ou quase todos, disseram sobre a organização do time brasileiro e, principalmente, sobre o técnico Zagalo. Eu não quiz dizer nada porque não sou entendido, mas o que li de besteiras foi uma grandeza. (O Pasquim 53, p. 2)

Interessante constatar que este post- scriptum mexeu com os integrantes da redação, Millôr lembra que não disse nada, ou seja, não defendeu a seleção, porque não era entendido (de futebol), mas que leu muita besteira escrita sobre o selecionado. Ora vejamos, um componente do time editorial, convivendo diariamente com todos, suas matérias, charges e cartuns não faltaram a nenhuma edição do jornal, somente podemos chegar a conclusão de que sua opinião era tida no mais alto conceito de toda a “patota”.

Neste gancho, houve resposta na edição Pasquim seguinte, a de número 54 de 2 a 8/07/70, Seção Antidica, Sérgio Cabral escreve sob o título: “Millôr perdeu”

Millôr Fernandes obrigou o Pasquim a fazer uma autocrítica em relação ao nosso comportamento antes da Copa do Mundo. Segundo êle, nós fomos injustos com a Comissão Técnica e, particularmente, com Zagalo.

Por causa disso, dei uma olhada na coleção do jornal e o que eu vi foram alguns paus no Zagalo, meus e do Hélio Fernandes, porque êle não queria escalar Tostão ao lado do Pelé. Depois, Zagalo escalou Tostão, fazendo êle mesmo a tal autocrítica. Portanto, Millôr, você perdeu (O Pasquim 54, p. 39)

Armando Marques, na sua cobertura da Copa também está maravilhado, como vemos na mesma edição sob o título : “México (não tão) urgente”:

Uma chuva injusta castiga a cidade do México neste domingo maravilhoso. Mas as comemorações ignoram a água que cai. A palavra grande será suficiente para traduzir o alcance deste titulo? Duvido. Soberba, engrandecedora, enaltecida, sei lá.

Eu vi gerações de grandes craques. Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Ademir, Zizinho, Garrincha e Pelé. O Brasil merece a conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Pela arte de seu futebol, pelos gênios que produz, por jogar e deixar jogar. Porque nós amamos o futebol.

Que vivam mais ainda, que amem mais. Façam festas, brinquem o carnaval. Aqui no México o carnaval está comendo nesta madrugada de domingo pra segunda. (O Pasquim 53, p. 3)

Sobre Zagalo, Armando é só elogios, como vemos no texto sob o título: “Não tenho saúde para analisar a seleção. Mas que ataque divino!”

[...] Zagalo deu um drible espetacular em todos e armou um sistema (e como teve sistema esta seleção) de reforço no meio do campo. De cobertura à zaga [...]. Do meio pra frente a seleção manteve-se em nível ultra-elevado. Em potência este ataque foi superior aos de 1958 e 1962[...]. Eu sei que vocês estão esperando uma análise sobre o jogo Brasil e Itália. Mas não tenho saco. Nem eu nem vocês, que já devem estar cheios de comentários. Como criticar ou analisar um time que esmaga uma seleção poderosa como a italiana no final da copa? Vocês querem que eu aponte as nossas falhas? Nem sei se houve. Ou não deu pra perceber. Nem mesmo quando eles fizeram um a um a gente se assustou. Por quê? Pela tranqüilidade com que todo o time se comportou. Nem mesmo quando o juiz encerrou o primeiro tempo no instante em que Pelé já se tinha livrado do meia zaga italiana, dentro da pequena área. Nunca. Nem quando começou a apelação. Começada mas não continuada.

E pobre do técnico italiano, Valcareggi, que deixou Gerson e Carlos Alberto livres e marcou os demais homem-a-homem. Coitado. Vai gostar assim de homem no cemitério, Valcareggi. (O Pasquim 53, p. 3)

E Armando continua a mandar textos que são publicados nas primeiras 5 páginas da edição 53, como esta matéria sem título, que trata sobre o jogo com o Peru na semifinal, notem que Armando sugere que alguns integrantes do Pasquim estavam torcendo contra o Brasil.

Muito menos agitação no estádio quando entramos. Foi aí que me dei conta, que toda aquela “euforia” Brasil...México...Brasil...México [...]tinha acontecido em jogos contra europeus. Mas agora era contra outro sul-americano e a coisa estava dividida. A “coisa” é a tal de torcida. Afinal o Peru está mais próximo deles que nós. É natural que tenham mais afinidade com o dito cujo. [...] Estava dividido: meio a meio. Entrou Peru no páreo, muita gente vira a casaca. Não é, Tarso?

[...]Esta seleção, que me surpreende, como deve estar surpreendendo a uma grande maioria, é, torno a repetir, não a melhor das seleções brasileiras como querem alguns, mas a mais bem preparada de todas. Em organização. Em tudo. Até em “retaguarda”. No hotel Maria Isabel, QG da copa, os delegados brasileiros (Abílio Almeida e Sylvio Pacheco)¹⁴ “trabalham” noite e dia. Com a camisa da CBD, e não fantasiados de FIFA. E estou certo que a grande maioria está pensando como eu. Seja qual for o resultado desta Copa [...] esta seleção tem cumprido destacada atuação neste mundial e tem sabido representar o nosso futebol e recuperou o prestígio, ou melhor, restaurou o prestígio que perdemos de forma tão humilhante e 66. Quando falo “esta seleção”, incluí toda a série. Das eliminatórias a hoje. De Saldanha a Zagalo. Acima de tudo, de Passo, Antonio de Passo, agüentou o diabo, engoliu mil sapos, mas firme no leme, não permitindo que nada extramuros invadisse a seleção, roubando a sua tranqüilidade. Não houve crise política (e houve) que modificasse o meio ambiente dela. A quem se deve isso?[...]

Armando Marques segue na linha de engrandecer e mitificar a comissão técnica, claramente em contradição aos integrantes do jornal, que em suas críticas desde o início do

¹⁴ Abílio Ferreira d’Almeida e Sylvio Correa Pacheco foram delegados.

ano diziam que se o Brasil ganhasse seria pela competência de seus jogadores. Na matéria a seguir, editada no Pasquim 54 de 2 a 8/07/70, Armando comenta a “linha média” sob o título: “Não é só no campo que se ganha a copa”

Atenção Censura d'O PASQUIM (a interna): vê se não corta tudo que escrevo. Êsse troço de linha média é sério. Embora não pareça. E tivemos um bom time, o melhor ataque, a mais bem preparada e treinada seleção de todos os tempos, tivemos desta vez uma “representação” junto ao QG da copa que não foi brincadeira. De tanto que atuaram, que defenderam, armaram e chutaram veio o nome de linha média. Não fui eu que apelidou. Foi o Leal e o Garófalo d'O Globo. Não sei bem ao certo. Atuaram tanto, que por ocasião da escolha das sedes para as semifinais, todo mundo arrumou malas, marcou passagem etc e tal. A nossa gente quieta lá nas Suites Caribes, em Guadalajara[...]. O Uruguai andou de lá para cá. Jogou em Toluca, Puebla, México e Guadalajara. Bronqueou, esperneou, gritou, ameaçou e – entrou. Nossa gente na moita. Só esperando os “lançamentos da linha média”. [...] Onde tinha reunião do povo da FIFA, fôsse que comissão fôsse, lá estavam eles. Sabiam tudo, se inteiravam de tudo, e de tudo participavam.

Quem compunha a Linha Média?

Sylvio Pacheco e Abilio D'Almeida. Abilio pulou tanto, andou tanto, se virou tanto que acabou eleito (eleito mesmo) um dos vice-presidentes da FIFA para o período 70-74. Depois de tantos anos de futebol oficial, depois de duas copas (três é melhor) temos um homem forte na FIFA. [...] Além de deter poder na Confederação Sul Americana de Futebol, segundo me asseguraram, firmou um protocolo com os africanos para ação conjunta em tudo, inclusive em eleição para a Presidência da entidade internacional em 74. O que assustou a atual administração da FIFA. [...] América e São Cristóvão dando cartas. Segundo estatísticas, a vitória de Abilio D'Almeida é a primeira conquista internacional do São Cristóvão em 300 anos de existência. [...] Linha final: Oh. Sérgio Cabral. Vê se não mutila muito o treco. Afinal, São Cristóvão e Vasco sempre andaram de mãos dadas. (O Pasquim 54, p. 7)

Realmente a comissão técnica brasileira obteve grande poder político perante a FIFA, tanto que em 1974, João Havelange foi eleito presidente da entidade.

Na mesma edição há uma coluna tradicional do Pasquim denominada “O que há para ler” em que a redação reproduz matérias publicadas em outros jornais. Nesta edição é publicada uma matéria de Rubem Braga do jornal “Última Hora” de 25 de junho de 1970 intitulada “Reza e Berra” e de Fernando Pedreira, do Estado de São Paulo em 22 de junho intitulada “Duas lições do México”, é interessante verificar que O Pasquim abria espaço para publicações feitas em outros jornais, porém desde que estivessem em acordo com a sua linha editorial, pelo menos nas edições pesquisadas para, mais uma vez a citação é longa, porém entendemos que ficaria fora de contexto se não fosse assim, começa com uma nota da redação do jornal:

Em pleno frenesi provocado pela Copa na imprensa, teve gente que conseguiu fotografar o que estava acontecendo. Entre os que acertaram estão Rubem Braga (Última Hora, 25 de junho) e Fernando Pedreira (22 de junho)

Reza e Berra – Rubem Braga – Última Hora – Rio de Janeiro – 25 de junho de 1970.

Na hora a gente não pensa nada, apenas salta e berra: Brasil, Brasil, Brasil! Passado êste gostoso momento de furor irracional, é inevitável que a gente se ponha a pensar na importância e no sentido de tudo isto. Falando sério: o que vale e o que quer dizer êste tricampeonato mundial de futebol? Será uma afirmação do homem brasileiro, uma prova da capacidade do próprio Brasil? [...] Não basta assim, que a cabeça “trabalhe como um terceiro pé”, como pedia Nenem Prancha: uma seleção também é uma obra intelectual, que exige sensibilidade e raciocínio; exige capacidade de organização e também espírito de crítica [...]. Agora que as coisas aconteceram, a tentação é dizer que para ganhar a Copa é preciso a agressividade piroqueta de um Saldanha e a autoridade humilde de um Zagalo.

[...]...Mas o que explodiu mesmo foi a alma foi a paixão do povo: uma explosão incomparável de alegria, de entusiasmo, de orgulho. Será que êste povo que rezou junto e está berrando junto não seria capaz de trabalhar junto, de viver em paz junto; Isto perguntava, debruçado em minha varanda em Ipanema, um velho amigo meu; e perguntava mais: “Será que algum terrorista se aproveitou do delírio coletivo para adiantar um plano seu qualquer, agindo com frieza e precisão? Será que, de outro lado algum carrasco policial teve ânimo para voltar a torturar sua vítima logo que o alemão apitou o fim do jôgo?

Não respondo, não sei; receio que tôda essa paixão generosa que nos empolgou a todos se consuma em fogo vão; e continuamos a viver essa nossa melancólica e vergonhosa vida nacional tal como ela era antes: medíocre, parda, vil [...].

Não respondo; não sei. A hora não é de pensar é de berrar: Brasil! Brasil! Brasil! (O Pasquim 54, p. 10)

Duas lições do México – Fernando Pedreira

Esta tarde o Brasil disputa, na cidade do México, a partida final da Copa do Mundo. Terça-feira, qualquer que seja o resultado de hoje, o presidente Médici recebe, no aeroporto do Galeão, os jogadores brasileiros. Se tudo correr como esperamos, ninguém pensará muito em qualquer outra coisa, por mais alguns dias. Mas, a partir do meio da semana, o País irá voltando à rotina.

O sonho e a Glória, que no esporte talvez tenham a sua manifestação mais limpa e mais perfeita, cederão lugar aos frustrantes problemas cotidianos, em política como no resto. [...]

Mesmo antes do resultado desta tarde, pode-se dizer que muitas das coisas que aconteceram no México foram uma surpresa para os próprios brasileiros. O Brasil sempre teve jogadores brilhantes, grandes improvisadores, gênios do futebol, como Pelé, Nilton Santos, Zizinho, Leônidas ou Domingos da Guia – capazes de decidirem partidas difíceis com a simples força de seu talento.

Mas, desta vez, sem perder nada disso, a seleção brasileira de futebol mostrou ser a mais bem treinada e amparada, a que dispunha de melhor preparo físico e tão disciplinada e consciente dos seus deveres quanto as que mais o fôssem. Portamo-nos seriamente. Preservamos as qualidades brasileiras, mas livramo-nos de alguns defeitos que pareciam características inalienáveis da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a indisciplina, o individualismo.

[...]

Quem é o responsável por êsse surpreendente comportamento, tão pouco “brasileiro”? A intervenção do estado e o govêrno revolucionário? Não. O futebol, felizmente, é uma das poucas coisas, neste País, que não foram

estatizadas e nem sequer dependem do capital estrangeiro, a não ser no capítulo das verbas de publicidade. Pertence todo à iniciativa popular: é o que pode haver de democrático.

Quem fez a atual seleção foi a nação propriamente dita. Foram os clubes e as entidades esportivas, com todos os seus defeitos; foi a crítica vigilante da imprensa; foi a pressão das paixões da opinião pública; foram os próprios jogadores. [...]

Mas o campeonato mundial de futebol de 1970 deve ficar como um marco importante, ainda por um outro motivo. [...] Nenhum outro campeonato anterior, entretanto, terá atingido o que este atingiu em matéria de atenção e participação públicas. E a razão disto é a televisão ao vivo, via satélite. [...]

Os fatos podem ser os mesmos, mas a consciência que temos deles é outra e outra a reação coletiva. Jogamos cada um dos jogos no México, no momento e à medida que vão sendo disputados. Somos milhões de participantes-testemunhas, diante de acontecimentos que antes nos chegavam apenas como notícia.[...]

Nós, brasileiros, vivemos num país em que até a liberdade de imprensa está sujeita a restrições, e onde o rádio e a televisão são submetidos a um estrito controle governamental: um país cujos dirigentes parecem temer, mais do que tudo, os riscos da liberdade e da democracia. É possível que tanta restrição – somada ao comercialismo e à pobreza de espírito das nossas próprias emissoras – retarde ainda por mais tempo a evolução necessária.

Mas a Copa do Mundo deixou-nos com água na boca. À espera do tempo em que os problemas reais da nação brasileira, como a seca do nordeste, por exemplo, ou as grandes questões políticas, possam ser submetidas ao livre debate, à pressão das paixões populares, ao alto grau de participação coletiva que é hoje, entre nós, um privilégio do futebol. Estou certo de que, então, não nos faltará talento e ânimo para chegar onde queremos.

Nota da Redação: este artigo havia sido escrito antes do jôgo de ontem em cidade do México. (O Pasquim 54, p. 11)

Na Seção “Opinião Pessoal”, Paulo Francis testemunha a festa nas ruas, e confessa que a pressão sobre o selecionado antes da Copa afetou também os integrantes do jornal.

As multidões nas ruas, depois das vitórias brasileiras na Copa do Mundo, estariam somente celebrando futebol? Nada de comparável aconteceu em 1958 e 1962. Nem o fato do tri ou da posse definitiva da Taça explicam de todo a arruaça, pois arruaça foi. Havia algo mais, óbvio e inconsciente. Desde 1964, esta foi a primeira vez que o povo se sentiu unido em torno de um objetivo nacional. A inexistência de veículos de extravasão política, o tédio, o medo e a miséria da vida do Brasil de hoje encontraram um antídoto nos nossos 11 jogadores em campo. Eles saíram daqui tão desmoralizados como nós. Lá fora, se reencontraram, talvez porque livres da nossa opressiva atmosférica doméstica, e a gente, por preocupação, partilhou esse estado de espírito. Agora acabou, mas ficaram alguns sinais na parede para quem sabe lê-los. (O Pasquim 54, p. 25)

Na edição 55 de 9 a 15/7/70 uma longa entrevista com Gerson ocupando as páginas 12 a 15, já passadas as festas de comemoração, é a primeira entrevista com um jogador da seleção, sobre a saída desacreditada do Brasil, Gerson põe a culpa na imprensa.

Armando Marques – Qual dos dois você achou mais importante no esquema da seleção, João Saldanha ou Zagalo?

Gerson – Na minha opinião os dois participaram ativamente da conquista da copa , porque se nós não passássemos nas eliminatórias nós não iríamos à Copa. O Saldanha começou um trabalho e um trabalho bem feito. Êle pegou a seleção brasileira quando ela precisava de um homem como o Saldanha, um cara estourado, pra frente, firme nos propósitos. [...] O Saldanha começou um trabalho direito, honesto, ninguém se metia com ninguém, cada um tinha o seu setor. Isto era muito importante porque até então isto não existia na seleção. O Zagalo terminou êsse trabalho. Nós, jogadores, devemos tanto ao Saldanha como ao Zagalo, a conquista da Copa do Mundo.

Tarso de Castro – Você não acha que na fase do Zagalo o time foi formado muito na base da pressão popular? Havia a pressão sôbre o Zagalo na colocação do Pelé e Tostão um ao lado do outro, não é?

Gerson – Quando o Saldanha pegou o time, êle armou com Pelé e Tostão e nós fomos pras eliminatórias. O Tostão ainda não tinha tido aquêlê problema. Se o Tostão não tivesse êsse problema que teve, êle seria consagrado mundialmente porque êle é, na minha opinião , o maior atacante do mundo.

Francis – A seleção aqui no Brasil, apesar de ter todos os craques que jogaram lá , dava a impressão que não articulava, que não tinha confiança em si próprio. No entanto, logo no primeiro jogo com a Tchecoslováquia, apesar do Brasil tomar um gol de saída, o time começou a funcionar impressionantemente. Ninguém parecia preocupado, estava assim como se fôsse um jôgo mole. Você podia explicar essa mudança psicológica? Por que isso aconteceu, não é?

Gerson – Aconteceu. O problema foi o seguinte: quando nós estávamos treinando aqui no Brasil com o Saldanha e depois com o Zagalo, nós estávamos satisfeitos, mas estávamos numa fase de treinamento, nós podíamos perder tôdas as partida na fase de treinamento, nós não podíamos era perder na Copa do Mundo. [...] O povo estava mal dirigido pela imprensa. Ê preciso uma nova organização na imprensa porque é preciso saber transmitir. [...] Isso atingia os jogadores. Você vê que o Saldanha queria sair dois meses antes daqui. [...] Nós ficamos vinte e um dias em Guanajuato, período de adaptação à altura e tudo. Ai, nada atingia os jogadores nem a comissão. Nós saímos daqui desacreditados por quase todo mundo.[...].

Marta – Você, como jogador, que você acha dêsse clima que se criou em tôrno da Copa, do tri-campeonato? Porque virou um caso de orgulho nacional?

Gerson – Isso é normal. Sempre quando toca no nome do Brasil, a coisa muda de figura. Não é Flamengo ou Corinthians, é coisa nacional que toca o coração. Graças a Deus que nós ganhamos essa Copa porque se nós não ganhássemos haveria problemas aqui no Brasil. Você sabe que o futebol é...

Marta – Ê uma válvula de escape?

Gerson – Ê a válvula de escape. O povo podia passar fome nessas seis partidas da Copa do Mundo. Êles passariam fome, rindo.

Marta – Você acha isso bom?

Gerson – Eu não tenho nada que achar. O problema é que isso toca o povo, o povo quer isso. Não interessa o que êle vai passar desde que o Brasil ganhe a Copa. [...]

Tarso – Você é amigo do Saldanha?

Gerson – Sou.

Tarso – Parece que a briga dêle com o Pelé é definitiva. Parece que o Pelé está com ódio dêle¹⁵

¹⁵ A briga em questão, conforme já visto neste trabalho, é sobre as declarações de Saldanha de que Pelé tinha problemas de visão.

Gérson – Isso eu não posso te responder porque eu não sei, mas acredito que não. Eu não soube de nada, o crioulo não falou nada.

Francis – O que você acha que motivou a saída do Saldanha?

Gérson – Eu acho que foi essas confusões com imprensa, essa coisa toda. Eu não estou ao par disso porque ele também não disse nada quando saiu. Ele não deu satisfação e também não tinha que dar. A última vez que ele esteve com a seleção nós íamos jogar com a Áustria, eu acho. Ele escolheu o time e disse que ia pra uma reunião, se ele não soubesse o time era esse. Nós não esperávamos a saída dele.

As citações deste trabalho foram dispostas, em sua maioria, na ordem cronológica das edições do jornal, é claro com a grafia e acentuação da época, uma opção didática para melhor entendermos o pensamento e a linha editorial, pois, conforme será desenvolvido em nossa conclusão, verificamos que houve uma mudança no pensamento, ou na linha editorial, como exemplo, por fim nesta citação, retirada da seção cartas da edição de 30/07 a 05/08, portanto publicada quase 2 meses após o término do mundial:

Fernando Avila (Salvador Bahia)

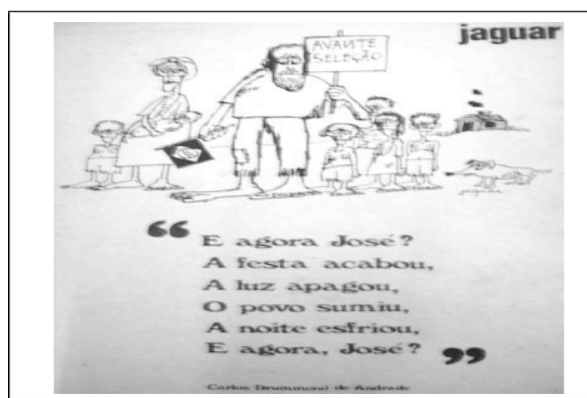
O Zagalo é o culpado por tudo que está acontecendo com a seleção, mas os maiores culpados são os que escolheram Zagalo para técnico da CBD.

Cabral : Puxa vida, que cano, Fernando. A sua carta é de maio, quando a onda era esculhambar Zagalo. (O Pasquim 58, p. 24)

CONCLUSÃO

O semanário O Pasquim foi um jornal de seu tempo, com os questionamentos e discursos próprios de sua época, sendo assim, como eles mesmos sublinharam: “O Pasquim é um produto do meio; também ninguém é perfeito”¹⁶

A Copa do Mundo de Futebol que realizou-se no México entre os dias 31 de maio a 21/06/1970, como se sabe o selecionado nacional comandado pelo capitão Carlos Alberto e tendo no elenco craques como Pelé, Tostão, Rivelino entre outros, não só ganhou a campeonato como proporcionou espetáculos dando shows com futebol de grande categoria, o Brasil foi tomado por uma euforia em razão da conquista do tricampeonato na Copa do Mundo, em 1970. O regime logo tomou proveito dessa situação, compondo a popular marchinha “Pra frente Brasil” e criando o slogan “Ninguém segura mais este país”. Com a vitória brasileira, O Pasquim critica a utilização política do acontecimento inédito. Jaguar contrastou a campanha que o governo Médici realizou durante a conquista do tricampeonato com a desigualdade econômico-social que existia (e ainda existe) no Brasil. Ele fez uma charge mostrando um casal de favelados no morro, segurando a bandeira do Brasil, com os versos de Drummond: “E agora José, a festa acabou, o povo sumiu, a noite esfriou. E agora, José?” Durante a prisão de Jaguar, no inquérito policial, ele viu que o nome de Carlos Drummond de Andrade constava da lista das pessoas que iam ser presas, por causa dos versos citados no Pasquim.



O Pasquim, n. 54, 2 a 8 de julho de 1970, contracapa.

¹⁶ Frase de capa – editorial – d’O Pasquim no 6, de Agosto de 1969.

A copa do mundo de futebol de 1970 foi amplamente utilizada pelo regime militar como propaganda ideológica como já amplamente estudado e registrado, este tipo de utilização política já foi registrado não só no Brasil e tampouco somente nesta época.

Retornando a Fraga, quando este recomenda sobre os cuidados na manipulação da fonte e da influência que esta tem no público:

[...]não devemos perder de vista o fato de que os jornais modernos, inseridos dentro de uma lógica capitalista de produção, se constituem como locais de poder, a partir dos quais é possível influenciar o público a partir de uma determinada leitura do real [...]. (2009, p. 36)

Ou, como na sua “terceira regra”, sobre a qual temos a orientação de como garimpar o que é significativo a ser considerado como fonte de estudo:

[...]Terceiro lugar, lembremos que o trabalho de pesquisa em jornais requer, por parte do historiador, a paciência de buscar os conceitos e posições que, ao longo do tempo e das edições, se apresentem como constantes, aparecendo ao leitor de forma sucessiva durante a leitura. Com efeito, é necessário que o pesquisador proceda a um verdadeiro “mergulho intensivo nas fontes”, buscando aquilo que, pela repetição de suas aparições ao longo dos textos, se ressalte como significativo e exemplar para sua análise [...] (2009, p. 39)

Partindo dessas premissas, a de que o pesquisador necessita buscar aquilo, que por repetitivo ao longo do texto, se mostre como significativo para o entendimento da lógica e da mensagem pretendida à época, podemos chegar a conclusão de que houve uma mudança significativa nos textos e na linha editorial do hebdomadário O Pasquim, nitidamente meses antes da Copa do Mundo em contrapartida com o término do campeonato, e de forma menos nítida durante a Copa.

Antes da Copa, o discurso seria compatível com o descrito anteriormente, ou seja, denunciaram fortemente a utilização política do espetáculo que estava se anunciando, em detrimento dos reais problemas do país, como a miséria, a fome, principalmente no nordeste brasileiro, a falta de liberdade e a censura imposta em um país subjugado pelo regime ditatorial dos militares e a subserviência de parte da mídia e da classe média brasileira, tudo isto vinculado, é claro, à formação e ao desenvolvimento do selecionado nacional na preparação para a Copa.

Muitas críticas são feitas relacionadas à seleção nacional, como foi demonstrado nas citações deste trabalho, e muitas outras que ficaram de fora, pois o espaço é limitado para um Trabalho de Conclusão de Curso, entretanto com a proximidade do início do campeonato verificamos que o jornal “se rende” ao espetáculo como fica decidido na edição 48, página 29, em que o árbitro de futebol Armando Marques é nomeado “nosso homem na Copa”, embora com a ressalva que “veremos a Copa pelos olhos de nosso homem”, neste momento parece-nos ficar evidenciado o uso de um artifício para não capitulação da linha editorial originária, ou seja a de que o selecionado iria fracassar, pois sabemos que o citado árbitro de futebol não compunha o grupo de jornalistas que escreviam no jornal.

Com este artifício editorial, constatamos que os integrantes do jornal, ao longo do campeonato, abstêm-se de criticar a seleção e a comissão técnica. Ao contrário, à medida que este se desenrolava, aumentava a expectativa dos novos depoimentos do enviado especial; uma espécie de nova visão dada por um outro olhar.

Prova desta constatação, são as três únicas matérias publicadas durante a Copa que se referem a participação brasileira, além das matérias do Armando Marques, , quais sejam: A de Pedro Ferreti na edição (citação neste trabalho folhas 34) em que o autor coloca em dúvida as críticas ao selecionado nacional: “Agora, presta ou não, o escrete? Isso pouca gente discute a sério, talvez por medo de dar uma gafe” (O Pasquim 50, p. 29); a charge de Henfil (citação neste trabalho folhas 35) em que sintetiza o chamado “impasse da esquerda” durante e após a Copa e o post-scriptum de Millôr Fernandes no texto de Fausto Wolf (citação página 36) em que Millôr exige uma “mea-culpa” do editorial do jornal pelas “besteiras” escritas relacionadas às críticas à seleção e à comissão técnica.

Portanto, conforme demonstrado, concluímos que, no mínimo, houve uma mudança na linha editorial do jornal O Pasquim no período que antecede a Copa e no período logo após o término da Copa do Mundo de 1970.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGOSTINO, Gilberto. VENCER OU MORRER: FUTEBOL, GEOPOLÍTICA E IDENTIDADE NACIONAL, Rio de Janeiro, Faperj/Mauad, 2002.
2. ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
3. ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!” Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues”. São Paulo: Unesp, 2004.
4. AQUINO, Maria Aparecida de. “Mortos sem sepultura”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). Minorias silenciadas: história da censura no Brasil. São Paulo: EdUSP/Imprensa Oficial do Estado/Fapesp, 2002.
5. AQUINO, Rubim Santos Leão de. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
6. FERNANDES, Ananda Simões Ditaduras A reação das imprensa alternativa brasileira à censura durante os anos de chumbo (1969-1974): o caso do semanário O Pasquim. In: Wasserman, Cláudia; GUAZZELLI, César A. B. (orgs.). Ditaduras militares na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
7. FERNANDES, Ananda Simões e Charles Sidarta Machado Domingos. Entre Lágrimas e Risadas: O Ensino do Período Médici Através das Charges D’O Pasquim, publicado em *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, p. 263-276, jul./dez. 2007
8. FRAGA, Gerson Wasen. “A Derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009
9. FRANCIS, Paulo. Waaal. O dicionário da Corte de Paulo Francis. Organização Daniel Piza. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
10. FRANCO JR., Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

11. KUSHNIR, Beatriz. “Entre censores e jornalistas: colaboração e imprensa no Brasil pós-1964”. In: 1964-2004, 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

12. PASQUIM, O - Antologia – Volume I – 1969-1971. Organização: Sérgio Augusto e Jaguar. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.

13. SOUZA, Maurício Maia de. “Henfil e o império do silêncio”. In: KUSHNIR, Beatriz (Org.). Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

JORNAIS, PUBLICAÇÕES E FONTES ELETRÔNICAS:

Ágora, Revista Eletrônica do Departamento de História e Geografia da Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, p. 263-276, jul./dez. 2007

<http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>

Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. VI, ano 3, n.o 2, dezembro de 2008.

www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria

<http://www.colecaoopasquim.com.br/edcome.asp>

ANEXOS

ANEXO A - DELEGAÇÃO BRASILEIRA À COPA DO MÉXICO

- Chefe: Jeronimo Bastos.
- Secretário da Chefia: Roberto Camara Guaranyr.
- Assistente Administrativo: Walter José dos Santos
- Delegados ao Congresso: Sílvio Correa Pacheco, Abílio Ferreira D'Almeida e José Hermírio de Moraes Filho.
- Tesoureiro: Sebastião Martines Alonso.
- Presidente da Comissão: Antonio do Passo.
- Administrador: José de Almeida.
- Assessor Administrativo: Tarso Heredia.
- Supervisor: Claudio Coutinho
- Técnico: Mario Jorge Lobo Zagalo.
- Médicos: Lídio Toledo e Mário Pompeu.
- Preparadores Físicos: Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira.
- Massagistas: Mário Americo e Nocaute Jack.
- Roupeiro: Abílio José da Silva.
- Cozinheiros: Edgar Barbosa e Mário Vieira da Rocha.

ANEXO B - JOGADORES

- (Número de inscrição/Nome/Clube)
- 1 - Félix (Fluminense)
- 2 - Brito (Flamengo)
- 3 - Piazza (Cruzeiro)
- 4 - Carlos Alberto (Santos)
- 5 - Clodoaldo (Santos)
- 6 - Marco Antonio (Fluminense)
- 7 - Jairzinho (Botafogo)
- 8 - Gérson (Sao Paulo)
- 9 - Tostão (Cruzeiro)
- 10 - Pelé (Santos)
- 11 - Rivelino (Corinthians)
- 12 - Ado (Corinthians)
- 13 - Roberto (Botafogo)
- 14 - Baldocchi (Palmeiras)
- 15 - Fontana (Cruzeiro)
- 16 - Everaldo (Gremio)
- 17 - Joel (Santos)
- 18 - Paulo César (Botafogo)
- 19 - Edu (Santos)
- 20 - Dario (Atletico MG)
- 21 - Zé Maria (Portuguesa)
- 22 - Leão (Palmeiras)

ANEXO C - CAMPANHA BRASILEIRA NA COPA DE 1970

Eliminatórias

- Brasil 2 x 0 Colômbia (Bogotá). Gols: Tostão (2).
- Brasil 5 x 0 Venezuela (Caracas). Gols: Tostão (3) e Pelé (2).
- Brasil 3 x 0 Paraguai (Assunção). Gols: Mendoza (contra), Jairzinho e Edu.
- Brasil 6 x 2 Colômbia (Rio). Gols: Tostão (2), Edu, Pelé, Rivelino e Jairzinho.
- Brasil 6 x 0 Venezuela (Rio). Gols: Tostão (3), Pelé (2) e Jairzinho.
- Brasil 1 x 0 Paraguai (Rio). Gol: Pelé.

Fase Final

- Brasil 4 x 1 Checoslováquia. Gols: Jairzinho(2), Rivelino e Pelé.
- Brasil 1 x 0 Inglaterra. Gol: Jairzinho.
- Brasil 3 x 2 Romênia. Gols: Pelé (2) e Jairzinho.
- Brasil 4 x 2 Peru (quartas-de-final). Gols: Tostão (2), Rivelino e Jairzinho.
- Brasil 3 x 1 Uruguai (semi-final). Gols: Clodoaldo, Rivelino e Jairzinho.
- Brasil 4 x 1 Itália (final). Gols: Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto.

Fonte: <http://www.colecaoopasquim.com.br/edcome.asp>